

2016

Florilégio



**MARCOS PAULO DE
OLIVEIRA SANTOS**

Florilégio

MARCOS PAULO DE OLIVEIRA SANTOS

2016

Florilégio

Marcos Paulo de Oliveira Santos

Data da publicação: 26/8/2016

CAPA: Marcos Paulo de Oliveira Santos
REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Santos, Marcos Paulo de Oliveira.
S236f	Florilégio / Marcos Paulo de Oliveira Santos; revisão de Astolfo O. de Oliveira Filho, capa do próprio autor. - Londrina, PR : EVOC, 2016. 73 p.
	1. Literatura espírita-estudo e ensino. 2. Doutrina espírita . I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Santos, Marcos Paulo de Oliveira. III. Título.
	CDD 133.9 19.ed.



Sobre o autor

Marcos Paulo de Oliveira Santos nasceu em Taguatinga, Distrito Federal, é licenciado em Letras-Português e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB); licenciado em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB); licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ciência de Wenceslau Braz (FACIBRA); bacharelado em Administração Pública pela Universidade de Brasília (UnB); especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Gama Filho (UGF); especialista em Gestão e Orientação Educacional pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da União Educacional de Brasília (UNEB); mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é servidor público do Distrito.

Considerações iniciais

Muitas de nossas produções estão dispersas na rede mundial de computadores (Internet). Achamos de bom alvitre reuni-las em único livro, para facilitar a pesquisa e reflexão daqueles que delas fizerem uso. Porém, é imperioso considerar que aqui não se encontram páginas jactanciosas com a presunção de esgotar temas caudalosos. Mas, lembretes ou dicas relevantes que poderão contribuir com o (a) amigo (a) no decurso da romagem terrestre, mormente nos estudos sistematizados da doutrina consoladora.

Uma recomendação especial. Este livro reúne artigos publicados no original, como o dissemos. Muitos dos artigos, nós gostaríamos de reescrevê-los pela nova visão de mundo e pelo arcabouço teórico já apreendido, todavia, isso feriria a ideia precípua de resgate dos originais (que foram escritos ainda quando éramos **muito jovens**). Ademais, tal empreendido aviltaria o propósito de coligir boa parte de nossos textos produzidos e que estão disponíveis na Internet.

Por fim, algumas produções podem representar uma visão particular que, talvez, não encontre ressonância na insigne Doutrina. Neste caso, é mister que o(a) leitor(a) busque sempre a base: **Allan Kardec**. E desconsidere por completo qualquer assertiva que contrarie a Magna doutrina.

Esperamos que as leituras sejam proveitosas e, desde já, pedimos escusas por textos pouco elaborados ou muito rebuscados. Era a nossa visão/estilo de mundo à época. E aqui são evocados como resgate do que já foi feito (para não ficar perdido na Internet, enfim, difícil de ser localizado) e, também, para fomentar a pesquisa mais acurada e a reflexão dos(as) leitores (as).

Quaisquer ponderações, o(a) amigo(a) leitor(a) poderá enviar suas valiosas considerações para o endereço eletrônico: marcospauloeducador@gmail.com

Sumário

Por que ler os clássicos?	6
Problema de alimentação	8
Ensaio sobre a Morte.....	17
Cegueira	31
Carnaval: uma velha questão somada a velhos problemas	33
Vossos filhos não são vossos filhos.....	35
Guerra e Paz.....	38
Sobre o egoísmo	40
Livre-arbítrio e responsabilidade	42
Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho	45
Os pais do mundo contemporâneo	47
O alerta de Acelino.....	50
As duas faces do desenvolvimento.....	53
Contar até 10	55
Fenômeno bullying e a Educação Espírita.....	57
Cuidar do corpo e do espírito.....	60
Alcoolismo.....	62
Tabagismo	64
Posturas Espíritas	66
A Arte de Bem Falar	68
Em torno da Obsessão.....	70

Por que ler os clássicos?

Toda área do conhecimento humano tem um arcabouço teórico que lhe serve de sustentáculo; de base fundamental.

Isto posto, é forçoso considerar que todo aquele que almeja apreender, minimamente, um ramo do saber deve se apropriar da leitura básica dessa área.

Ora, não se pode devassar as complexidades da matemática sem antes conhecer as operações básicas; tampouco se pode ler um Homero sem antes ter a capacidade/habilidade da leitura em seus diversos níveis.

O mesmo ocorre em Doutrina Espírita.

Não se pode compreendê-la, sem antes ter passado por sua base fundamental.

Contudo, é bastante comum (e curioso) encontrarmos várias pessoas que se dizem espíritas, mas que nunca leram, ainda que superficialmente, todo o pentateuco Kardequiano.

Antes que se objete que o verdadeiro espírita é reconhecido por suas condutas (fato que não discordamos), é da orientação do Espírito da Verdade que devemos nos instruir e nos amarmos mutuamente. Afinal, a sabedoria e o amor são as duas asas que nos conduzirão ao Sempiterno.

Então, por que não se leem os clássicos?

O preclaro Codificador estabeleceu em O Livro dos Médiuns um método de estudos que, segundo ele, deveria se iniciar pela obra O que é o Espiritismo, que contém uma síntese doutrinária e a qual é possível compreender do que se trata essa área do conhecimento.

Posteriormente, O Livro dos Espíritos, que é a “coluna dorsal” de toda doutrina; “contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não constitui frívolo passatempo”;

O Livro dos Médiuns, que é um verdadeiro “tratado” sobre a mediunidade e um complemento da obra anterior;

O Evangelho segundo o Espiritismo que versa sobre as leis morais, calcadas nos ensinamentos do Mestre Jesus e nos bons Espíritos. É uma bússola para nossas vidas;

O Céu e o Inferno, que demonstra por meio de um exame crítico a justiça Divina, a lei de causa e efeito, entre outras magnas questões;

Por fim, há ainda, A Gênese, que assim como as demais, é um desdobramento da obra O Livro dos Espíritos e trata dos aspectos científicos da Criação, dentre outros assuntos.

Ora, somente esses volumes tomam demasiado tempo do estudioso e, a cada leitura feita, um aprendizado novo é adquirido; um ponto de vista criado ou renovado. De onde se segue que o clássico não pode ser menoscabado. O clássico só o é, porque sobrevive ao tempo; porque a cada nova leitura tem-se uma interpretação nova...

Além do pentateuco, há também o título Obras Póstumas, que veio à baila após a desencarnação do egrégio Codificador. E que também é obra de "fôlego"!

Após a leitura da base fundamental, o leitor poderá e deverá analisar/estudar qualquer outro material, porque já terá tido contato com a fonte primeira e, de posse dela, poderá passar tudo pelo crivo da razão; averiguar se há consonância com a base espírita ou se necessita de uma confirmação por meio do controle universal dos Espíritos...

O que tem ocorrido, infelizmente, são enxertos estranhos ao Espiritismo e que são considerados verdadeiros pelos confrades incautos. Isso decorre, naturalmente, de não se conhecer a base.

É por isso que, diante de tantas "novidades" esquisitas e que causam transtornos epistemológicos à nobre Doutrina, soa estranho para muitos mencionar a Série André Luiz; a Série Psicológica Joanna de Ângelis; citar um Emmanuel; falar sobre um Manoel Philomeno; Léon Denis, Zilda Gama, Yvonne A. Pereira, William Crookes, Alexandre Aksakof, Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Hermínio C. Miranda...

Ao espírita cômico compete se apropriar da leitura dos clássicos. Eles servirão de embasamento teórico para estudos mais aprofundados em doutrina espírita; para forjar o conhecimento no espírita e este poder se posicionar diante de questionamentos, avanços científicos etc.

E aos neófitos, diante da vasta literatura que facilmente vem a lume e que é rotulada de "espírita", fica a pergunta: por que ler os clássicos?

Problema de alimentação¹

"Não me interessa nenhuma religião cujos princípios não melhoram nem tomam em consideração as condições dos animais." Abraham Lincoln.

Constitui um ponto nevrálgico nos estudos e discussões espiritistas a temática da alimentação. Especialmente, no que tange ao consumo de produtos de origem animal (carne). Este artigo não tem o escopo jactancioso de asseverar se deve ou não ser ingerido tal alimento. Isso pertence ao foro íntimo de cada pessoa. Entretanto, faz-se mister lançar esclarecimentos à luz do Espiritismo sobre essa problemática, que tem sido desmerecida por muitas pessoas.

Argumentação dos Espíritos

Na obra *O consolador*, perguntou-se ao Espírito Emmanuel:

129 – É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?

E ele redarguiu:

A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos. Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento de tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores. (Emmanuel, 1997: 82.) [grifo meu.]

Em outra obra, do mesmo autor espiritual, ele descreve a condição ontológica do terráqueo como um ser que ainda

se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais comecinhos princípios da fraternidade e pouco realizando em

¹ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 4 - Nº 174 - 5 de Setembro de 2010 e Ano 4 - Nº 175 - 12 de Setembro de 2010. Disponível em <http://www.oconsolador.com.br/ano4/174/especial.html> e <http://www.oconsolador.com.br/ano4/175/especial.html>

favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho. (Emmanuel, 1996: 34.) [grifo meu.]

Acrescenta-se ainda, para corroborar o pensamento de Emmanuel, a assertiva de Humberto de Campos, em *Cartas e Crônicas*, que recomenda:

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros. (Irmão X, 1991: 22.) [grifo meu.]

A propósito desse tormento no mundo espiritual, André Luiz (Espírito), na obra *Nosso Lar*, no capítulo homônimo desse artigo, exemplifica o que Humberto de Campos já mencionou acima. Na colônia *Nosso Lar*, “muitos recém-chegados (...) duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos” (2002: 55). A leitura atenta do referido capítulo demonstra que o problema de alimentação quase colocou em risco a existência da nobre colônia e esforços inauditos foram necessários para evitar o caos. É um alerta de André Luiz que as nossas idiosincrasias permanecem conosco e a mudança desde o plano físico é importante para uma entrada no mundo espiritual em melhores condições.

É do conhecimento de todos nós que é papel do superior auxiliar o progresso do inferior. Não é o que ocorre no mundo. Na obra *Missionários da Luz* André Luiz se mostra estupefato diante da temática do vampirismo, no capítulo 4. Entretanto, seu orientador questiona o motivo pelo qual ele se acha assombrado e descreve a condição humana que, ao invés de auxiliar o inferior, o subjuga e o estraçalha:

(...) e nós outros, quando nas esferas da carne? Nossas mesas não se mantinham à custa das vísceras dos touros e das aves? A pretexto de buscar recursos proteicos, exterminávamos frangos e carneiros, leitões e cabritos incontáveis. Sugávamos os tecidos musculares, roíamos os ossos. Não contentes em matar os pobres seres que nos pediam roteiros de progresso e valores educativos, para melhor atenderem a Obra do Pai, dilatávamos os requintes da exploração milenária e infligíamos a muitos deles determinadas moléstias para que nos servissem ao paladar, com a máxima eficiência. O suíno comum era localizado por nós, em regime de ceva, e o pobre animal, muita vez à custa de resíduos, devia criar para nosso uso certas reservas de gordura, até que se prostrasse, de todo, ao peso de banhas doentias e abundantes. Colocávamos gansos nas engordadeiras para que hipertrofiassem o fígado, de modo a obtermos pastas substanciosas destinadas a quitutes que ficaram famosos, despreocupados das faltas cometidas com a suposta vantagem de enriquecer valores culinários. Em nada nos doía o quadro comovente das vacas-mães, em direção ao matadouro, para que nossas panelas transpirassem agradavelmente. Encarecíamos, com toda a responsabilidade da ciência, a necessidade de proteínas e gorduras diversas, mas esquecíamos de que a nossa inteligência, tão fértil na descoberta de comodidade e conforto, teria recursos de encontrar novos elementos e meios de incentivar os suprimentos proteicos ao organismo, sem recorrer às indústrias da morte. Esquecíamos-nos de que o aumento de laticínios para enriquecimento da alimentação constitui elevada tarefa, porque tempos virão, para a Humanidade terrestre, em que o estábulo, como o Lar, será também sagrado (1997: 38).

André Luiz (Espírito) comenta em *Os mensageiros*, após inúmeros ensinamentos que colheu no mundo espiritual, que: “(...) comecei a compreender que ninguém

desrespeita a Natureza sem o doloroso choque de retorno, a todo tempo". (Op.cit., 2000: 218.)

Vamos encontrar na *Revista Espírita* de abril, de 1858, o posicionamento do Espírito Bernard Palissy, que foi um íncrito oleiro na Terra e que habita o planeta Júpiter. Allan Kardec, no item 7 da entrevista, pede ao Espírito que estabeleça uma comparação entre a Terra e Júpiter, uma vez que ele sempre veio à Terra e tem uma bagagem cultural e moral para transmitir. Então, uma série de perguntas é feita com o propósito de se conhecer melhor aquele planeta. Até que, na questão 23, Allan Kardec pergunta: "Qual é a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal como aqui?". Ao que obtém como resposta: "Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais" (grifo meu). Alguém pode propor um posicionamento contrário a essa questão. Alegando que a condição de Júpiter é bastante diversa da situação terrena etc. De fato, concordamos. Aquele planeta é muitíssimo superior ao nosso. Porém, essa característica de proteção dos animais e ingestão de alimentos vegetais denota a superioridade daquela população em relação à nossa. E vamos além, não é algo inatingível. Ao contrário, é perfeitamente exequível. Eles não mais necessitam de alimentos de origem animal; aqui, na Terra, ocorre o mesmo. E se tal comportamento ainda é diverso, não é por uma necessidade eminentemente biológica, mas por capricho e falta de compaixão para com os animais, nossos irmãos. Já que atingimos um patamar intelectual suficiente para buscar recursos energéticos em outras fontes.

Fica, assim, bastante claro o posicionamento de André Luiz, Emmanuel, Humberto de Campos e do próprio Palissy quanto à questão. Após a breve apresentação do pensamento desses numes da complementação espírita, apresentamos o ponto fulcral de muitas discussões. Em *O Livro dos Espíritos*, o preclaro codificador, Allan Kardec, perguntou aos imortais: "A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza?" (Questão 723).

E os Espíritos responderam:

Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização (2003: 344).

Reproduzimos as palavras do articulista Leonardo Moreira que diz sobre a questão acima:

(...) ao estudar esse intrincado tópico, temos que admitir duas hipóteses. Ou a fome no mundo é tamanha que, nestas condições, justificaria a alimentação carnívora como um mal menor, ou os Espíritos, inteligentemente, não acharam conveniente fornecer uma resposta definitiva a essa questão em um momento histórico em que certamente o ser humano não estava preparado para uma orientação contra o hábito carnívoro. Aparentemente, esses dois fatores devem ter pesado para que os Espíritos se abstivessem de maiores explicações quanto a esse tópico.

Realmente, a pergunta anterior de "O Livro dos Espíritos" (L.E. 722) é bastante interessante em função de sua sutileza e também deve ser considerada na presente análise, pois os "Espíritos da Codificação" respondem que "Tudo aquilo de que o homem se possa alimentar, sem prejuízo para a sua saúde, é permitido..." (2008: s/p).

Ora, muitas respostas de *O Livro dos Espíritos* não podiam ser esmiuçadas por falta de recursos moral e intelectual da humanidade daquele período. Era necessário sedimentar a base doutrinária. Os desdobramentos das questões viriam posteriormente. Tanto é assim, que foi necessária a complementação ou o detalhamento dos pontos lá colocados por outros Espíritos colaboradores: André Luiz, Emmanuel, Irmão X, Joanna de Ângelis, Victor Hugo...

Muitas pessoas julgam que o trecho "a carne nutre a carne" justifica a volúpia pela alimentação carnívora. Mas olvidam que devemos nos esforçar para diminuirmos a ingestão da carne paulatinamente, do contrário, o alerta dos Espíritos já mencionados não faria o menor sentido. Infelizmente, existem pessoas que nem ao menos tentam diminuir a ingestão desse alimento e justificam suas ações pela supracitada questão. Como se esse fosse o tópico único, ou ainda, uma verdade absoluta e incontestável. Necessitam comer carne todos os dias, senão a refeição não existe. Necessitam sentir o estômago pesado, do contrário, não almoçaram. Francamente, é no mínimo ignorar por completo os conhecimentos que viriam posteriormente. E é do próprio Codificador que o Espiritismo andaria lado a lado com o progresso e com a ciência.

Argumentação Científica

Um estudo do estado nutricional e estilo de vida em vegetarianos e onívoros, na Grande Vitória, Espírito Santo, demonstrou que os vegetarianos apresentam um perfil nutricional mais adequado e menor risco para os agravos crônicos da saúde (Teixeira et.al., 2006).

Em outro estudo, foi avaliado o risco cardiovascular em vegetarianos e onívoros na mesma cidade. E constatou-se que a alimentação onívora, com excessos de proteínas e gorduras de **origem animal**, potencializa eventos cardiovasculares. Ao passo que os ovolactovegetarianos e vegetarianos apresentaram menores riscos cardiovasculares (Teixeira, et.al., 2007).

De Biase et.al. (2007) realizou um estudo com o escopo de analisar os valores de triglicérides (TG), colesterol total (CT), lipoproteína de baixa densidade (LDL) e lipoproteína de alta densidade (HDL) entre indivíduos vegetarianos e onívoros. Foi realizado um estudo transversal. Participaram 76 indivíduos, todos voluntários, desses, 22 eram onívoros e 54 vegetarianos. Concluiu-se que a dieta vegetariana associou-se a menores valores de TG, CT e LDL em comparação com a dieta onívora. Essa constatação é relevante, porque elevado índice de colesterol sérico está relacionado com doenças arteriais. Eventos que os vegetarianos têm menores riscos de apresentarem.

Um estudo realizado por pesquisadores da Universidade da Califórnia, em San Diego, em 2003, publicado pela BBC Brasil, constatou que "a substância, chamada de ácido n-glicolilneurimínico (Neu5Gc), está presente em grandes concentrações na carne de porco, vaca e carneiro" (2003: s/p). Segundo o estudo, o "corpo humano não consegue sintetizar a substância, e ela desencadearia uma resposta imunológica nociva ao corpo. Por sua vez, isso poderia provocar câncer e doenças cardíacas" (Idem, 2003: s/p).

Em outro estudo europeu, que foi publicado na revista do Instituto Internacional do Câncer, é reforçada a "tese de que o consumo de carne vermelha pode provocar

câncer no intestino. Os alimentos incluem carnes como as de boi, carneiro, porco e derivados como o bacon e o presunto” (Folha On-line, 2005).

Em outra contribuição científica,

(...) os pesquisadores do Brigham and Womens Hospital e da Harvard Medical School, em Boston, examinaram 90 mil mulheres, que preencheram questionários em 1991, 1995 e 1999, nos quais registraram a frequência com que consumiam mais de 130 tipos diferentes de alimentos e bebidas. As que consumiram uma porção e meia de carne vermelha por dia tiveram quase dobrado o risco de câncer de mama receptor-positivo à presença de hormônios, em comparação com as mulheres que consumiram três ou menos porções de carne vermelha por semana (s/d: s/p).

Em outro apontamento, alguns pesquisadores detectaram que as

Células retiradas de tumores de próstata demonstraram uma atividade nove vezes maior do gene chamado AMACR, em comparação a células saudáveis, de acordo com uma equipe da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore (EUA). A molécula de ácido graxo AMACR está presente em altos níveis em laticínios e carne vermelha. O gene de mesmo nome produz uma enzima que ajuda a quebrar as moléculas de ácido graxo.

Estudos anteriores demonstraram que dietas ricas em carne vermelha estão relacionadas a um maior risco de câncer de próstata.

Os cientistas alertaram que ainda é muito cedo para se estabelecer uma relação entre o consumo de carne vermelha e laticínios e o câncer de próstata, mas disseram que as descobertas fornecem pistas para o estudo da ligação (s/d:s/p).

E um sem-número de publicações e pesquisas importantes vem a lume, demonstrando os efeitos deletérios da alimentação carnívora.

Como acréscimo, Eurípedes Kühl, estudioso do Espiritismo, diz:

Ao morrer, os animais sentem – embora não o entendam – a maldade que os atinge, provocando-lhes tanta dor; seu pavor e desespero impregnam a carne de toxinas e liberam, à sua volta, fluidos espirituais deletérios; os desencarnados infelizes e ainda jungidos às coisas grosseiras da matéria absorvem tal matéria astral, com a qual seus perispíritos ficam igualmente impregnados; os encarnados têm registrado em seus Espíritos, como débito, a violência que infligiram ao animal. No futuro, uns e outros terão que eliminar do seu envoltório espiritual tais resíduos negativos, motivados pela culpa. E isso, infelizmente, só será possível com a dor, sendo certo, porém, que Deus, na Sua Misericórdia Infinita, alivia tal pesado fardo, oferecendo redobradas oportunidades de minimização do passivo, com ações no bem em favor do próximo (1998: 125).

Acreditamos que a questão 722 de *O Livro dos Espíritos* deve ser meditada após os apontamentos acima.

Considerações finais

Como dito no início dessa breve reflexão, não temos a pretensão de modificar o comportamento alimentar de ninguém. Temos muito a fazer pela nossa própria existência sob o ponto de vista ético-moral.

A motivação maior para a publicação desse estudo foi de contribuir, sob a égide espírita, para a questão que tem sido vista como insignificante (!). Deve-se, também, às generalizações que já tivemos ensejo de ouvir em Estudos Sistemizados da Doutrina Espírita (ESDE) de forma radical e peremptória, como se fossem verdades absolutas.

Frases do tipo:

- "O importante não é o que entra na boca do homem, mas o que sai dela."

Ora, Jesus não seria leviano de determinar que não tivéssemos cuidados com os alimentos e a tudo comêssemos sem implicações graves ao nosso organismo. Ele pronunciou esse ensinamento sob o ponto de **vista ético-moral**. Utilizando-se, obviamente, de um contexto específico. Não significa que a frase deva ser interpretada ao pé da letra e de modo anacrônico para justificar a ingestão insofreável de carne.

- "O importante é o aspecto moral. Basta lembrar que Hitler era vegetariano."

É fora de qualquer objeção que o aspecto moral é o fulcro do Espiritismo. É a faceta mais relevante para que modifiquemos a nossa condição ontológica. Todavia, utilizar a exemplificação de Hitler é um equívoco. Seria tomar a parte pelo todo. Se assim o fosse, dificilmente alguém escaparia no mundo. Existem padres que são pedófilos, mas isso não justifica dizer que todos o são, ao contrário, existem muitos bondosos e que realizam o seu ministério com afinco e amor. Existem espíritas que mercadejam com a mediunidade e enganam as pessoas, mas isso não quer dizer que todos os espíritas agem de tal modo. Existem políticos corruptos, mas seria equívoco generalizar e dizer que todos o são. Existem vegetarianos de má índole, talvez o maior arquétipo tenha sido Hitler, mas não significa que todos sejam da mesma maneira e coadunam com o pensamento do ex-totalitário. A generalização é um erro crasso e não pode servir de argumento para o estudioso do Espiritismo.

- "Ficar sem comer carne é suicídio."

Francamente, essa frase nem merecia qualquer explicação. Mas (pasmé! caro leitor) já ouvimo-la e por essa razão a colocamos aqui. Para o intento de diminuir ou mesmo acabar com a ingestão de carne, o ser humano não pode ser leviano. Deve-se procurar uma orientação segura de um médico e ir adaptando o organismo paulatinamente. A literatura demonstra que é exequível viver sem carne; lembramos ainda que existem atletas de alto rendimento que são vegetarianos; para além desses, existem pessoas comuns, do nosso cotidiano, que esbanjam saúde e são vegetarianas. Destarte, alegar que a ausência de carne é suicídio de forma taxativa é um erro. E não pode ser perpetuada em Estudos Sistemizados do Espiritismo. Isso denota despreparo de quem está à frente das atividades. É verdade que em casos sui generis a ausência de nutrientes de origem animal pode levar a sérios prejuízos de saúde, todavia, repetimos, o médico saberá determinar. Logo, tal afirmativa não pode ser tomada como verdade absoluta.

- "Isso não é um problema importante. Nem vale a pena ser discutido."

Ora, se essa temática não fosse relevante, certamente, os Espíritos não teriam sinalizado quaisquer apontamentos sobre a mesma. Ao contrário, permitiriam que comêssemos qualquer tipo de coisa e em qualquer quantidade. Mas André Luiz, Humberto de Campos, Emmanuel e Palissy são bastante peremptórios em seus posicionamentos.

Os argumentos utilizados para a construção desse breve artigo não foram tirados de nossa cabeça, mas de autores respeitáveis. Isso, contudo, não encerra o assunto vultoso e os estudos sagazes acerca da temática.

Por fim, sabemos que toda evolução ocorre paulatinamente.

Sabemos também que a vertente moral é o primordial para todos nós. Mas podemos caminhar concomitantemente com a asa da moral e com o intelecto que se consubstancia nos avanços científicos que permitem outras fontes de alimentação. Alimentar-se corretamente, respeitando as formas de vida que servem de alimentos para nós, sobretudo os animais, constitui-se uma faceta da condição moral que deve ser atingida por todos nós e que não pode ser ignorada. Constitui-se uma elevação! Pretextar ignorância sobre os pontos aqui ventilados não se justifica mais, porque estão presentes em importantes obras espíritas e estudos acadêmicos, basta ser um razoável leitor.

Reforçamos ainda o pensamento de que a carne **não é algo pecaminoso**. Um interdito que deve ser evitado radicalmente. Ao contrário, ainda serve de base alimentar para várias pessoas. A ciência recentemente tem produzido a carne em laboratório, isso abre um futuro promissor porque os matadouros não serão mais necessários. Ou seja, os cientistas perceberam que a matança que ocorre não se justifica diante do avanço científico-tecnológico de que dispomos. Segundo os cientistas que começaram a produzi-la,

A carne fermentada é elaborada a partir do cultivo em laboratório de células-tronco ou de músculo de animais como frangos, porcos ou cordeiros. A alternativa, uma das 50 invenções do ano segundo a revista Time em 2009, seria "mais saudável e menos poluente" e teria as mesmas proteínas que a carne normal, segundo seus defensores. Sua produção pode, inclusive, ser controlada, para evitar doenças como o mal da vaca louca ou a gripe A (H1N1, popularmente conhecida como suína). (R7.COM, 2010: s/p.)

Diante disso, os matadouros não seriam mais necessários. Os animais poderiam viver com dignidade. Se ainda assim, muitos quiserem continuar com tais comportamentos, porque a carne natural é melhor, o animal recém-morto ou "fresco" é de melhor sabor e outras tantas escusas injustificáveis, não nos compete julgá-los. Apenas fazemos das palavras de Padre Germano as nossas ("Memórias do Padre Germano", de Amália Domingos Soler, FEB) a respeito de Sultão: "Pobre animal! Pesa-me dizê-lo, mas é a verdade: encontrei num cão o que nunca pude encontrar num homem. Quanta lealdade, cuidado, solicitude!".

Referências:

BBC Brasil. *Carne vermelha pode causar câncer, diz pesquisa*. Publicada em 30 de setembro, 2003 - 18h38 GMT (15h38 Brasília). Disponível em

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/09/030930_vermelharg.shtml>. Acesso em 9 de abril de 2010.

DE BIASE, Simone Grigoletto et al. *Dieta vegetariana e níveis de colesterol e triglicérides*. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, São Paulo, v. 88, n. 1, Janeiro, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2007000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 8 de abril de 2010. doi: 10.1590/S0066-782X2007000100006.

FOLHA ONLINE. *Carne vermelha aumenta risco de câncer no intestino, diz estudo*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u43483.shtml>>. Acesso em 9 de abril de 2010.

FOLHA ONLINE. *Estudo associa gene da carne vermelha ao câncer de próstata*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u14647.shtml>>. Acesso em 9 de abril de 2010.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 84. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

Revista Espírita de abril de 1858.

KÜHL, Eurípedes. *Animais, nossos irmãos*. 6. ed. São Paulo, SP: Petit Editora, 1998.

MOREIRA, Leonardo Marmo. *Carne: comer ou não comer? Eis a questão*. **In:** O Consolador. Ano 2 - Nº 75 - 28 de Setembro de 2008. Disponível em <<http://www.oconsolador.com.br/ano2/75/especial.html>>. Acesso em 9 de abril de 2010.

PUCSP Campus Sorocaba. *Carne vermelha dobra risco de câncer de mama, diz estudo*. Disponível em <http://www.sorocaba.pucsp.br/atn/news.php?id_news=587>. Acesso em 9 de abril de 2010.

R7.COM. *Carne produzida em laboratórios abre portas para um futuro sem matadouros*. Disponível em <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/carne-produzida-em-laboratorios-abre-portas-para-um-futuro-sem-matadouros-20100503.html>>. Acesso em 3/05/2010.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Moreira de Almeida et al. *Estado nutricional e estilo de vida em vegetarianos e onívoros - Grande Vitória - ES*. **In:** Revista Brasileira de Epidemiologia. São Paulo, v. 9, n. 1, março, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2006000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 7 de abril 2010. doi: 10.1590/S1415-790X2006000100016.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Moreira de Almeida et al. *Risco cardiovascular em vegetarianos e onívoros: um estudo comparativo*. Arquivos Brasileiros de Cardiologia,

São Paulo, v. 89, n. 4, outubro, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2007001600005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 7 de abril de 2010. doi: 10.1590/S0066-782X2007001600005.

XAVIER, Francisco Cândido (médium); André Luiz (Espírito). *Nosso Lar*. 52. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

_____ *Missionários da Luz*. 28. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1997.

_____ *Os mensageiros*. 34. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2000.

XAVIER, Francisco Cândido (médium); Irmão X (Espírito). *Cartas e Crônicas*. 8. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido (médium); Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz*. 22. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

_____ *O consolador*. 18. ed. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1997.

Ensaio sobre a Morte²

"Quereis conhecer o segredo da morte. Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?"

A coruja, cujos olhos, feitos para a noite, são velados ao dia, não pode descortinar o mistério da luz.

Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa.

Na profundidade de vossas esperanças e aspirações dorme vosso silencioso conhecimento do além; e como sementes sonhando sob a neve, assim vosso coração sonha com a primavera.

Confiai nos sonhos, pois neles se ocultam as portas da eternidade.

Vosso temor da morte é semelhante ao temor do camponês quando comparece diante do rei, e este lhe estende a mão em sinal de consideração.

Não se regozija o camponês, apesar do seu temor, de receber as insígnias do rei?

Contudo, não está ele mais atento ao seu temor do que à distinção recebida?

Pois, que é morrer senão expor-se, desnudo, aos ventos e dissolver-se no sol?

E que é cessar de respirar senão libertar o hálito de suas marés agitadas, a fim de que se levante e se expanda e procure a Deus livremente?

É somente quando beberdes do rio do silêncio que podereis realmente cantar.

É somente quando atingirdes o cume da montanha que começareis a subir.

É quando a terra reivindicar vossos membros que podereis verdadeiramente dançar."

Gibran Khalil Gibran.

² Artigo publicado, originalmente, no site O Consolador. Ano 4 - Nº 201 - 20 de Março de 2011, Ano 4 - Nº 202 - 27 de Março de 2011 e Ano 4 - Nº 203 - 3 de Abril de 2011. Disponível em <http://www.oconsolador.com.br/ano4/201/especial.html>, <http://www.oconsolador.com.br/ano4/202/especial.html> e <http://www.oconsolador.com.br/ano4/203/especial.html>

Chega um determinado momento da existência do ser humano que lhe parece não haver mais pressão psicológica do coração e do pensamento. Os sonhos são deixados de lado. As novas esperanças são empanadas pela idade madura. A vida parece estacionar... Os filhos já estão mais ou menos encaminhados, já não se têm desafios naturais da vida familiar, as horas, semanas, meses e anos passam uniformes e indiferentes. Esse quadro de apatia é comum em muitos de nós, que ainda não aprendemos a cultivar o tempo precioso no labor do bem individual e coletivo. E nas valiosas conquistas do Espírito.

Lendo a obra *Obreiros da Vida Eterna*, de André Luiz, ditada ao saudoso Chico Xavier, encontramos: "Nossos amigos da esfera carnal são ainda muito ignorantes para o trato com a morte. (...) É por isso que, por enquanto, os mortos que entregam despojos aos solitários necrotérios da indigência são muito mais felizes" . (Obra citada, pág. 224.)

Tal assertiva provocou-nos grande impacto e fez com que refletíssemos.

Estamos suficientemente educados para a morte?

A magna questão nos inquietava dia após dia. Concluímos que não, a despeito dos valorosos ensinamentos espíritas.

Por isso resolvemos contribuir, modestamente, com o pensamento espírita cristão através deste singelo ensaio.

Chegará o dia, inexorável, em que deixaremos o ninho planetário. Refletir sobre essa transição natural é de suma importância.

O que é a morte?

Deste modo, fizemos um recorte de algumas obras do Espiritismo e breves comentários acerca da temática que não se esgotam! Ao contrário, fomentam o debate fraterno nos estudos sistematizados da doutrina espírita. É necessário que o amigo leitor compreenda que não se encontram elencadas diretrizes jactanciosas com a presunção de ensinar um fenômeno que será ímpar para cada um de nós. É importante saber o que está descrito ricamente na literatura espírita para que no momento da crise da morte não nos desesperemos. Mas todas as nuances do momento dependerão do nosso *modus vivendi* enquanto ainda encarnados... A morte não é nenhuma mensageira de transformações. Cada um morre conforme vive.

Durante um longo período da história terrestre, a morte era considerada a cessação do funcionamento cardíaco e respiratório.

De fato, o cérebro sofre danos irreversíveis se privado de oxigênio por mais de quatro minutos. Deste modo, na antiguidade, o critério utilizado era somente analisar essa função (a respiração) para constatar a morte de uma pessoa.

Com o advento científico-tecnológico, particularmente os aparelhos de ventilação mecânica, foi possível reverter um quadro de parada respiratória. De tal modo, que as pessoas que antes eram consideradas mortas, graças aos aparelhos e medicamentos, voltavam à vida orgânica.

A partir da década de 1960 tornou-se mais importante ainda estabelecer o momento da morte, visto ser exequível já naquele momento o transplante de órgãos.

A partir disso, as autoridades médicas do mundo estabeleceram que a morte orgânica ocorre quando há "perda completa e irreversível do tronco cerebral". Ou seja,

quando o órgão cerebral não mais apresenta atividades (que são detectadas por aparelhos específicos) tem-se a morte, ainda que os outros órgãos possam estar em pleno funcionamento.

Temor da morte

O preclaro Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, na obra *O Céu e o Inferno* teve ensejo de refletir e escrever sobre o temor da morte. Ele inicia sua explicação asseverando-nos que é intuitiva a certeza da imortalidade da alma em todos os seres humanos, independente do contexto cultural em que se vive. Do silvícola ao ser humano considerado mais civilizado, a crença da vida após a desagregação molecular é uma certeza incontestada.

A despeito dessa sentinela interior a cantar a imortalidade em nossas mentes e corações, ainda perdura o sentimento de temor ao fenômeno da morte. Por que isso ocorre?

Vejamos o que nos diz o egrégio Codificador na obra referida:

1. Efeito da sabedoria divina.

Há em toda criatura, notadamente no ser humano, um *instinto de conservação*. Esse instinto é um efeito da sabedoria divina, porque tem por objetivo evitar que nos retiremos prematuramente da existência material. O fragor das lutas cotidianas, a sobrevivência, os “caprichos” da vida, o trabalho, a família e a esperança no porvir, entre outros fatores, dão sentido psicológico à existência terrestre e fazem com que não a abandonemos.

2. Noção insuficiente da Vida Futura.

Refletir e tentar compreender o porvir são de fundamental importância para aqueles que se dedicam aos estudos espíritas. Muitas vezes, realizamos uma leitura superficial dos fenômenos de desencarnação na literatura sem nos atentarmos para as entrelinhas. Um sem-número de vezes não conseguimos adestrar a nossa mente à verdade incontestada do Espírito imortal, porque damos mais valor às coisas que nos afetam as impressões sensoriais do que aos fatos espirituais que acompanham o ser humano desde que o primeiro homem habitou a Terra. Dar mais valor ao espírito é a meta do ser humano hodierno. Não se pode mais olvidar essa questão.

3. Educação.

Historicamente o ser humano tem recebido uma educação não muito confortadora a respeito do porvir. Foi-lhe apresentado um paraíso ocioso e entediante, calcado em uma beatitude contemplativa; um inferno eterno e repleto de torturas terríveis; um Deus punitivo, vingativo..., entre outros fatos. Allan Kardec assevera ainda: “Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, em nada lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a

intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem". (Obra citada, pág. 23.)

As práticas exteriores, o batismo para ser salvo, a "compra" de induções que servem de intermédio para gozos eternos etc. correspondem ao que nos foi passado historicamente. Trata-se de uma educação obtusa que nos castra a razão. E o menor raciocínio leva-nos a crer que não passam de questiúnculas da moralidade inferior do ser humano. Não se coadunam com a prática da caridade pelo indivíduo, com sua transformação moral, com sua contribuição para a edificação de um mundo melhor...

4. Apego aos bens materiais.

O apego aos bens materiais é um reflexo da histórica educação equivocada que temos recebido. Vivemos em um mundo "coisificado". É mais atrativo ter coisas do que sermos pessoas melhores. Buscamos incessantemente a fortuna, os prazeres sensoriais, a graxa da comida pesada, o álcool etc. Damos valor a coisas tão insignificantes que, sob a nossa ótica errônea, é difícil delimitar a fronteira entre o supérfluo e o necessário.

Gostaríamos de abrir um parêntese para reproduzir a poesia de Fernando Correia Pina que reflete essa situação que vivemos no mundo.

Vejamos:

Saldo Negativo

Dói muito mais arrancar um cabelo de um europeu que amputar uma perna, a frio, de um africano. Passa mais fome um francês com três refeições por dia que um sudanês com um rato por semana.

É muito mais doente um alemão com gripe que um indiano com lepra. Sofre muito mais uma americana com caspa que uma iraquiana sem leite para os filhos.

É mais perverso cancelar o cartão de crédito de um belga que roubar o pão da boca de um tailandês. É muito mais grave jogar um papel ao chão na Suíça que queimar uma floresta inteira no Brasil.

É muito mais intolerável o xador de uma muçulmana que o drama de mil desempregados em Espanha. É mais obscena a falta de papel higiênico num lar sueco que a de água potável em dez aldeias do Sudão.

É mais inconcebível a escassez de gasolina na Holanda que a de insulina nas Honduras. É mais revoltante um português sem celular que um moçambicano sem livros para estudar.

É mais triste uma laranjeira seca num kibutz hebreu que a demolição de um lar na Palestina.

Traumatiza mais a falta de uma Barbie de uma menina inglesa que a visão do assassinio dos pais de um menino ugandês e isto não são versos; isto são débitos numa conta sem provisão do Ocidente.

O canto do poeta português reflete o mundo caótico em que vivemos e a inversão dos valores que cultuamos. O apego aos bens materiais é de tal natureza que somos incapazes (com raras e honrosas exceções) de nos sensibilizar com os nossos irmãos desafortunados. Desde que a situação negativa não nos atinja, tudo está muito bem. Só conhecemos o drama do outro, quando o vivenciamos. E a coisificação da vida terrestre é um óbice a uma melhor compreensão da vida futura.

Treino para a morte

O fenômeno da morte é encarado mais negativamente do que com esperança. As cerimônias que a envolvem são repletas de cenas tristes e que de certo modo causam pavor. A ideia de perda rodeia-nos a todo o momento; porém, faz-se mister que essa lúgubre ideia desapareça. A perda não existe. Mas apenas uma breve saudade que acabará tão logo chegue o momento do reencontro ensejado pela morte.

O capítulo "Treino para a morte" presente na obra *Cartas e Crônicas*, psicografada por Francisco Cândido Xavier, de autoria do Espírito Irmão X, é uma síntese da nossa conduta antes da grande viagem.

Primeiramente, o ínclito comentarista do Além se vê incapacitado para a tarefa de trazer algumas informações importantes para o nosso comportamento antes da desencarnação. Porém, devido aos seus inúmeros textos de beleza incomum, somos inclinados a seguir as suas seguras orientações que apresentamos mais abaixo.

O que almeja Irmão X no texto mencionado é sugerir mudanças ainda cristalizadas em nós e que, de certa maneira, são obstáculos difíceis quando nos encontramos na erraticidade.

Diz-nos ele: *"Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros. Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão".* (Obra citada, pág. 22.)

A temática sobre a ingestão ou não de carne já é velha conhecida daqueles que se dedicam aos estudos espiritualistas. Todas as nossas idiosincrasias são levadas conosco para o mundo espiritual. Refletir sobre a nossa alimentação e tentar modificá-la, tornando-a melhor, é uma tarefa que não podemos mais postergar.

Afirma com muita propriedade o Espírito Irmão X que nós devemos modificar a nossa alimentação paulatinamente. Quando fazemos apontamentos sobre essa questão da alimentação carnívora em nossos estudos e/ou artigos publicados, recebemos as críticas dos confrades espíritas de que o importante é a transformação moral. É óbvio que os valores morais têm prioridade! Nem discutimos tal questão, mas não podemos ignorar os ensinamentos e recomendações sobejamente divulgados pelos Espíritos benfeitores que fazem tais afirmativas para a nossa própria evolução e melhoria.

Além do que escreveu o Espírito Irmão X, temos ainda, sobre o tema alimentação, a sábia recomendação de Emmanuel, que foi mentor do saudoso Chico Xavier, o qual, na obra *"O Consolador"*, afirma: *"A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos"*. (Obra citada, questão 129.)

Acreditamos que a assertiva de Emmanuel é bastante clara e objetiva. Os recursos de que necessitamos podem ser encontrados em produtos vegetais. O advento científico e tecnológico propicia ao ser humano hodierno a capacidade de extrair tais recursos da natureza, de onde se segue que não são mais necessárias as terríveis mortes a que são submetidos os pobres animais. Por fim, o Espírito André Luiz, também pela sublime mediunidade de Chico Xavier, na obra *"Nosso Lar"*, narra-nos os problemas causados pela alimentação no mundo espiritual. Afirma-nos esse Espírito que em um determinado período da história da colônia *"Nosso Lar"* os recém-desencarnados *"queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos"*. (Nosso Lar, pág. 55.) Somente um ministério, o denominado "Ministério da União Divina", manteve-se incólume às tentações das viciações que os Espíritos recém-libertos da indumentária carnal para lá levavam. Em suma, foi preciso um trabalho hercúleo do governador da colônia para organizá-la ante o caos. Houve diversos protestos, tentativa de invasões dos irmãos infelizes que habitavam o Umbral etc. Houve, também, a necessidade da convocação de Espíritos benfeitores que ensinaram os Espíritos recalcitrantes a se alimentarem corretamente e com equilíbrio.

Desapegar-se dos bens materiais é medida também valiosa

Alguns amigos já tiveram ensejo de dizer-nos quando exemplificamos o caso de *"Nosso Lar"*: *"Quando eu estiver do outro lado, eu vou me preocupar com isso"*. Mas é imperioso entendermos que a morte não traz mudanças extraordinárias. Ao contrário, continuamos a ser o que sempre fomos, só que em outra vibração energética.

Por isso, o alerta desses Espíritos para que tenhamos força de vontade para modificarmos vícios lamentáveis que ainda carregamos, caso contrário teremos grandes dificuldades na erradicidade. Assim, o alcoolismo, o tabagismo, a ingestão carnívora, a sexolatria, a drogadição, os excessos de toda ordem constituem graves obstáculos para envolvimento do recém-liberto.

Outro apontamento relevante de Irmão X é este: *"Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque"*. (Obra citada, pág. 23.)

Trata-se de um alerta importantíssimo, porque nada levaremos de material ao mundo espiritual. Apenas os conhecimentos adquiridos, as amizades ou desafetos, os valores morais, enfim. Então, por que tanto egoísmo de nossa parte? Enquanto tantos irmãos se debatem com a fome, a sede, o frio na noite caliginosa do mundo, nós nos empanturramos com os nossos excessos; consumimos cada vez mais e mais;

acumulamos objetos materiais que muitas vezes não usamos e que ficam esquecidos em nossos armários fadados à destruição do tempo ou das traças...

É um forte apelo desse Espírito para que comecemos a nos desfazer das coisas materiais. E é preferível mesmo que as doações, para aqueles que possuem altas somas em dinheiro ou bens materiais, sejam feitas ainda em vida material, sem consciência de culpa, com desprendimento e amor, para que não haja contratempos desagradáveis quando da grande viagem.

Até mesmo o amor deve ser com moderação. Ele nos diz: *"... não se apegue demasiado aos laços consanguíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória"*. (Obra citada, pág. 23.)

Este é um ensinamento de difícil execução porque muitas vezes o nosso "amor" é recheado pelo egoísmo. Mas devemos compreender que quem ama verdadeiramente liberta e é capaz de renunciar para a felicidade alheia. Deste modo, o nosso amor deve ser comedido, na certeza de que um dia nos reencontraremos e que também pertencemos a uma família muito maior, sob a égide do Criador.

Por fim, Irmão X nos insta a vivenciarmos a religião que abraçamos, seja ela qual for. A responsabilidade de quem já conhece o caminho do bem é maior e, do outro lado, a consciência será a grande juíza de nossos atos. Ademais, não poderemos alegar falta de conhecimento, porque todas as religiões levam ao Pai, ensinam o amor. Vivenciá-lo na prática constante do bem é a nossa função aqui na Terra. Devemos praticar o bem sem a presunção de querer agradar a todos, porque nem o mestre Nazareno logrou fazê-lo. O trabalho edificante apaga qualquer mágoa, qualquer problema e nos ensina a servir na obra da Criação. Não foi, pois, sem motivo que o preclaro Codificador estabeleceu que "fora da caridade não há salvação!".

Inumação ou Cremação?

Perde-se nas páginas do tempo da Humanidade a origem da cremação. As antigas civilizações realizavam-na respeitando seus respectivos costumes e crenças.

É uma problemática complexa para a sociedade ocidental ainda caracterizada historicamente pela pusilanimidade e o materialismo.

Discussões à parte, compete ao próprio interessado, em vida, realizar o seu pedido avisando formalmente a família e, se possível, registrando-o em cartório. Porém, se não for possível, cabe à vontade familiar o destino dos despojos, respeitando os princípios religiosos, éticos e morais do desencarnado.

No entendimento espírita, sabe-se que se deve dar um tempo considerável nos casos de cremação. No mínimo 72 horas. Porque nem todos os Espíritos se desvencilham facilmente do corpo, o que pode acarretar tormentos no além para a alma ainda pouco evolvida, como se dá com a maioria de nós.

Chegará um dia na evolução terrestre que não mais ocuparemos espaços gigantescos com cadáveres, sob pena de sofrermos os efeitos de tal procedimento (contaminações do solo e dos lençóis freáticos, ocupação de vasta área que poderia ser utilizada para outro fim etc.). Cultuaremos o respeito e o carinho aos que partiram, na intimidade do coração, enviando-lhes bons pensamentos. E eles – os desencarnados – em contrapartida sentir-se-ão bastante felizes em nos verem resignados e compelidos à

caridade, porque doaríamos seus pertences aos mais necessitados materialmente, desvencilhando-nos dos atavismos.

Apontamentos de Elisabeth Kübler-Ross

A notável psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross foi a precursora do tratamento humanizado aos pacientes terminais. Nasceu ela em 1926, na Suíça. E enveredou-se no campo da Medicina. Foi a partir dela que se começou a pensar sobre a dignidade dos doentes que devassariam o invisível. A sua missão foi dar dignidade aos pacientes e, também, cantar a imortalidade da vida ao meio acadêmico.

Na obra "*A Roda da Vida*" encontramos curiosa passagem narrada por ela mesma. Vejamos:

(...) "O mistério logo se esclareceu. Minha amiga e seu marido, um arquiteto conhecido, moravam numa linda casa em estilo espanhol. Assim que entrei, abraçaram-me e demonstraram alívio por eu ter conseguido chegar. Havia alguma possibilidade de que não conseguisse? Antes que tivesse tempo de perguntar qual era o problema, levaram-me para a sala e fizeram-me sentar numa cadeira. O marido de minha amiga sentou-se diante de mim e balançou o corpo para frente e para trás até entrar em transe. Lancei um olhar indagador para minha amiga.

— Ele é médium – disse.

Ao ouvir isso, tive certeza de que a confusão logo se esclareceria e voltei minha atenção para o marido dela. Seus olhos estavam fechados, tinha uma expressão muito séria no rosto e, quando o Espírito tomou conta dele, parecia que tinha envelhecido cem anos.

— Deu certo trazer você até aqui – disse, com uma voz agora estranha, de uma pessoa mais velha, e carregada de urgência. — É fundamental que você não protele mais. Seu trabalho sobre a morte e o morrer está terminado. Agora, está na hora de iniciar sua segunda tarefa.

Escutar pacientes ou médiuns nunca fora problema para mim, mas compreender o que diziam às vezes levava algum tempo.

— O que está querendo dizer, qual é a minha segunda tarefa? – perguntei.

— Está na hora de você dizer ao mundo que a morte não existe – afirmou.

Apesar de saber que a função dos guias é unicamente nos ajudar a cumprir nosso destino e as promessas que fizemos a Deus, eu protestei. Precisava de mais explicações. Precisava saber por que tinham me escolhido. Afinal de contas, era conhecida em todo o mundo como a Mulher da Morte e do Morrer. De que jeito voltaria atrás e diria a todos que a morte não existe?

— Por que eu? – perguntei. — Por que não escolheram um pastor ou alguém assim?

O Espírito demonstrou sinais de impaciência. Observou que tinha sido eu mesma quem escolhera o trabalho que realizaria nesta vida na Terra.

— *Estou apenas dizendo a você que está na hora – disse. E em seguida enumerou uma lista enorme de razões pelas quais eu era a pessoa destinada a realizar aquela tarefa: Teria de ser uma pessoa ligada à medicina e à ciência, não à teologia ou à religião, pois estas não fizeram o que deveriam apesar de terem tido oportunidades mais do que suficientes nos últimos dois mil anos. Teria de ser uma mulher e não um homem. E alguém que não tivesse medo. E alguém que tivesse acesso a muita gente e fosse capaz de transmitir a sensação de estar falando pessoalmente com cada um.*

— *É tudo. Está na hora – concluiu. – Você tem muito o que assimilar.*

Isto era indiscutível. Depois de uma xícara de chá, minha amiga, seu marido e eu, esgotados física e emocionalmente, fomos para nossos quartos. Ao ficar só, vi que tinha sido chamada ali por aquela razão específica. Nada acontece por acaso". (Obra citada, pp. 233 a 235.)

Os cinco estágios da dor da morte

A doutora Kübler-Ross estabeleceu em suas pesquisas um modelo que ficou denominado de *Modelo Kübler-Ross* ou os *Cinco Estágios da Dor da Morte*:

1. Primeiro estágio – Negação ou Isolamento: É um mecanismo de defesa da mente diante da dor da morte. Variam de indivíduo para indivíduo a duração e a intensidade dessa dor e, também, como as pessoas ao seu redor encaram tal situação. É uma defesa do ego. Trata-se de um momento muito delicado que exige uma educação espiritual de todos nós, para que aprendamos a aceitar os Desígnios do Sempiterno.

2. Segundo estágio – Raiva: É um momento em que o instinto de preservação da vida nos arma, muitas vezes sem sabermos. É um reflexo da nossa educação basal deficiente. É, pois, a agressão com aqueles que estão próximos de nós. É a agressão contra nós mesmos e contra o Criador. É a impotência diante de uma situação inexorável. É o questionamento muitas vezes doentio: "Por que comigo, se tem tanta gente ruim pra morrer?". É um momento que exige bastante paciência dos familiares e amigos. E, também, varia em sua durabilidade de pessoa para pessoa.

3. Terceiro estágio – Barganha: Devido à insegurança psicológica, a pessoa que se encontra às portas da morte deixa-se contaminar pela barganha. Tenta fazer uma "troca" com o Criador. Diante da incapacidade de oferecer-Lhe algo melhor, a pessoa promete dedicar-se à caridade, aos asilos, às crianças carentes, hospitais, igrejas, templos religiosos, abandonar vícios etc. A pessoa implora a Deus para que Lhe dê tempo maior sobre a Terra e em troca dar-Lhe-ia uma vida reta na prática do bem.

4. Quarto estágio – Depressão: O desânimo, o desinteresse, o choro e outros são reflexos do quadro psicológico denominado depressão. Todos nós sentimos alguma vez em maior ou menor grau esses sintomas diante de uma “perda”. A pessoa que se vê impotente diante da verdade inequívoca da morte passa por esse estágio, que perdura conforme a sua conduta mental e os ensinamentos que porventura tenha recebido.

5. Quinto estágio – Aceitação: É um momento de serenidade ante a verdade. A Medicina hodierna vem destinando a sua atenção aos cuidados desses pacientes e seus familiares, para que tenham um momento de tranquilidade e paz; sem desesperação.

Em suas pesquisas, Elisabeth Kübler-Ross pôde comprovar também as diversas fases que compõem o fenômeno da morte, a saber:

1. Fase um: “As pessoas flutuavam para fora de seus corpos.” (Obra cit., pág. 211.) Nessa fase, as pessoas têm consciência de tudo o que ocorre ao redor. Conseguem descrever os comentários a seu respeito e todos os detalhes da transição; têm uma forma etérea; sentem-se plenas, ou seja, mesmo aquelas que têm algum problema físico (exemplo: paráliticos) conseguem se estabelecer alegremente.

2. Fase dois: “Nesse ponto, as pessoas já haviam deixado seus corpos para trás e diziam que se encontravam em um estado de vida depois da morte que só pode ser definido como espírito e energia. Sentiam-se reconfortadas ao descobrir que nenhum ser humano jamais morre sozinho.” (Obra cit., pág. 212.) Essa fase caracteriza-se pela alegria da imortalidade da alma. Pela certeza de que não se morre sozinho, ou seja, sempre temos a companhia a que fizemos jus durante o nosso estágio terrestre. A doutora Ross também afirma nessa passagem que muitos, ao pensarem em seus familiares, viam-se junto deles. Eram transportados com a rapidez do pensamento, o que nos insta a pensarmos com harmonia e amor sobre aqueles que partem e, também, a policiarmos os nossos comentários.

3. Fase três: “Guiados por seu anjo da guarda, meus pacientes passavam então para a terceira fase, entrando no que costumava ser descrito como um túnel, ou um portão intermediário, embora as pessoas mencionassem uma grande variedade de outras imagens: uma ponte, um desfiladeiro em uma montanha, um bonito riacho – basicamente o que era mais confortador para cada um. Criavam essas imagens com energia psíquica e, no final, viam uma luz brilhante.” (Obra cit., pág. 213.) A força do nosso pensamento esconde mistérios que ainda não logramos conhecer. Nessa fase, a doutora Ross mostra-nos a importância da nossa casa mental, de almejarmos construções mentais positivas, edificantes. O que nos é confortador é que em suas pesquisas muitos de seus pacientes viram-se diante de seus mentores ou guias espirituais que muito os amavam, demonstrando-lhes a imensidão do Infinito e um amor incondicional, que cada um interpretava à sua maneira, conforme a experiência religiosa que tinha vivenciado na Terra (uns diziam ser esse amor de Buda, outros de Jesus Cristo, outros de Deus etc.). Nessa fase também ocorrem as primeiras visualizações do mundo espiritual, de suas colônias, hábitos, costumes, funcionamento, enfim, sobejamente descritas na literatura espírita.

4. Fase quatro: “Nesse estágio, as pessoas passavam por uma revisão de suas vidas, um processo no qual se viam diante da totalidade de suas vidas. Repassavam cada ação, palavra e pensamento. As razões de cada uma de suas decisões, pensamentos e ações tornava-se compreensíveis.” (Obra cit., pág. 214.) Nessa fase, ocorre uma retrospectiva das nossas ações, o que nos faz refletir sobre a relevância de bem utilizarmos o nosso livre-arbítrio. Ou seja, que contribuição podemos dar para o meio em que vivemos? É um momento de pensarmos sobre o tempo de que dispomos aqui na Terra, para quando devassarmos o Infinito termos boas recordações da vida planetária e não criarmos remorsos... O tribunal divino está em nossas consciências. Quando morremos no plano terrestre e adentramos o mundo espiritual somos convidados por essa mesma consciência, onde jazem as leis de Deus, para uma reflexão sobre o tempo que passamos na Terra. Não é, pois, sem sentido a assertiva: “A cada um será dado segundo suas obras”.

A contribuição de Elisabeth Kübler-Ross ao mundo acadêmico é inegável. Trata-se de experiências belíssimas no contato com seus pacientes e que ficaram legadas em narrativas nos seus diversos livros. Sugerimos a leitura atenciosa de todas as obras dessa mulher extraordinária, para que o leitor tenha uma boa noção do magnífico trabalho por ela realizado, que por questões óbvias não pudemos dissecar da forma que gostaríamos.

Apontamentos de Raymond Moody

Raymond Moody, renomado pesquisador norte-americano, trouxe valorosas contribuições para o pensamento acadêmico. Suas principais ideias estão nos livros “*A Vida Depois da Vida*” e “*A Luz que vem do Além*”. O primeiro tornou-se best-seller bastante premiado. Suas pesquisas recaíram sobre as pessoas que estiveram à beira da morte, mas que por vários motivos conseguiram retornar à vida material. Ele denominou tal fenômeno de Experiência de Quase-Morte. Tal acontecimento é caracterizado por um conjunto de experiências por ele detectadas junto aos diversos pacientes que atendeu ou observou.

Uma ou mais características corroboram o fenômeno de *Experiência de Quase-Morte*, ou seja, não há a obrigatoriedade de acontecerem em sequência ou que todas aconteçam.

Vejamos essas sintomatologias constatadas por Raymond:

1. Sensação de estar morto: “Muitas pessoas não percebem que a experiência de quase-morte que estão vivenciando está ligada à morte. Elas se veem flutuando acima do seu corpo, olhando para ele a uma certa distância, e, de repente, sentem medo e/ou confusão.” (Obra citada, pág. 20.) Essa confusão ou receio é fruto do desconhecimento da existência espiritual. Ainda carecemos da educação para a imortalidade da vida. O que o Dr. Raymond detectou em suas pesquisas não são propriamente “descobertas”. Ele deu uma nova roupagem para o meio acadêmico, ainda bastante rígido. Vale, portanto, considerar que, devido à sensibilidade maior ou menor de diversas pessoas, elas podem, sim, desdobrar-se e ver-se fora do corpo, e até mesmo dar detalhes de tudo o que se passa no ambiente.

2. Paz e Ausência de Dor: “Enquanto o paciente está encarnado, frequentemente pode haver dor intensa. Mas quando os ‘fios são cortados’ há uma sensação real de paz e ausência de dor.” (Obra cit., pág. 22.) Os fios energéticos que unem o corpo material e o perispírito não são “cortados”, caso contrário teríamos a morte de fato. Esses fios são “afrouxados” e o ser que passa por tal experiência sente-se com maior lucidez e liberdade, porque vivencia ainda que palidamente as delícias do espírito. Desse modo, e levando-se em consideração a bagagem moral de cada um, tem-se a ausência de dor. Porque a dor ocorre, predominantemente, na matéria. A dor do Espírito é moral.

3. A Experiência de sentir-se fora do corpo: “Frequentemente, quando o médico diz ‘Nós o perdemos’, o paciente passa por uma mudança completa de perspectiva. Ele se sente levantar e pode ver o próprio corpo abaixo dele.” (Obra cit., pág. 22.) Já mencionamos no item 1 o porquê disso. Reforçamos ainda que devido à força de vontade do paciente é possível deslocar-se para qualquer lugar. Assim, há experiências de pessoas que desejavam muitíssimo ir para a sala de espera, onde estavam os familiares, e eram capazes de descrever tudo o que ocorria, com impressionante riqueza de detalhes.

4. A Experiência do Túnel: “A experiência do túnel geralmente acontece depois da separação do corpo. (...) as pessoas passam pelo ‘corte das amarras’ e pela ‘experiência de estar fora do corpo’ antes de realmente perceberem que isso tudo está relacionado à morte.” (Obra cit., pág. 23.) Essa experiência é a mais famosa descrita por Raymond Moody. Grande parte daqueles que passaram pela EQM afirma experimentar tal sensação, que se configura não só como um túnel, mas também de outras formas, como escadas, pontes etc.

5. Pessoas de Luz: “Depois de atravessar o túnel, a pessoa geralmente encontra Seres de Luz. Esses seres não são feitos de luz comum. Eles brilham com uma luminosidade linda e intensa, que parece permear tudo e encher a pessoa de amor.” (Obra cit., pág. 24.) A luz dessas pessoas, característica dos Espíritos benevolentes, não causa constrangimento ao ser que sofre uma EQM e tem oportunidade de encontrá-los. Ao contrário, essa luz é confundida com o amor. São seres que se preocupam com a harmonia interior do indivíduo e o infundem de alegria e paz.

6. O Ser de Luz: “Depois de encontrar vários Seres de Luz, a pessoa que passa por uma EQM encontra um Ser Supremo de Luz.” (Obra cit., pág. 25.) Dependendo da formação religiosa do indivíduo, esse Ser de Luz recebe uma denominação, por exemplo, Jesus, Deus, Buda, Alá etc. O fato é que esse Ser de Luz transmite uma paz e um amor totais. Todos os que têm a oportunidade de vê-lo não querem mais sair do seu lado. Poderíamos dizer que esse Ser de Luz é o mentor da pessoa, a qual, afinizada por recônditos laços de fraternidade e amor, sente-se muito querida. Esse mentor é o responsável por dar direcionamento à vida dessa pessoa, como, por exemplo, retornar ou não ao corpo físico, realizar uma revisão da romagem terrestre etc.

7. A Revisão da Vida: “Quando a revisão da vida acontece, não há mais nenhuma ambientação física. No lugar, há uma revisão panorâmica da vida num plano

tridimensional, totalmente colorido, onde a pessoa pode rever cada uma das coisas que fez em sua vida.” (Obra cit., pág. 25.) Além dessa revisão mental dos fatos da vida, a pessoa é capaz de sentir os efeitos de suas ações. Se realizou o bem para alguém, sente a alegria e a paz interior. Se causou o mal por meio de uma palavra, de um gesto ou atitude, tem a mesma sensação da pessoa ofendida. Assim, encontramos um juiz dentro de nós mesmos chamado de consciência. Essas análises causam significativas mudanças nas pessoas que sofreram uma EQM.

8. Ascensão Rápida ao Céu: “Devo dizer que nem todas as pessoas que têm uma EQM passam pela experiência do túnel. Algumas relatam uma sensação de ‘flutuar’ na qual elas sobem rapidamente aos céus, vendo o universo de uma perspectiva possível apenas para satélites e astronautas.” (Obra cit., pág. 26.) Cada experiência é “sui generis” e a sensação de ascensão rápida ao céu é o resultado natural das propriedades do perispírito, que, devido à sua textura fluídica, torna exequível a volitação, ainda que a pessoa que passa pela EQM não saiba dizer como se processa tal fenômeno. Muitas vezes ela encontra o suporte de benfeitores amigos que a transportam para regiões elevadas, fora do orbe terrestre.

9. Relutância em Voltar: “Para muitas pessoas, a EQM é tão agradável que elas não querem voltar. Como consequência, costumam ficar muito bravas com seus médicos por trazê-las de volta.” (Obra cit., pág. 27.) Após conhecerem, ainda que palidamente, as belezas do mundo espiritual e a fraternidade que reina entre seus habitantes, as pessoas não querem mais voltar ao mundo de dor, lutas e sofrimentos que é a Terra. São, porém, movidas por uma estranha energia no sentido de modificar comportamentos para melhor acertarem e conquistarem novamente esse Eldorado do espaço.

10. Tempo e Espaço Diferentes: “... as pessoas que passaram por uma EQM dizem que o tempo é altamente comprimido e nada semelhante ao tempo que observamos em nossos relógios. Essas pessoas o descrevem como ‘estar na eternidade’.” (Obra cit., pág. 28.) Por devassarem outra dimensão, diferente em diversos aspectos da nossa, a questão da temporalidade também é diferente. Cada dimensão espiritual apresenta o seu tempo específico.

Por fim, algumas considerações finais sobre Raymond Moody.

Ele constatou que em alguns casos, muito menos frequentes, algumas pessoas que sofreram EQM puderam visualizar o futuro. Assim, seriam capazes de dizer tudo o que aconteceria consigo mesmas ou ainda teriam a sensação de já terem vivenciado determinadas situações (*déjà vu*). Esses casos são bastante raros, mas já foram registrados na literatura desse pesquisador e de outros que estudaram a mesma temática.

Outro fato importante é a mudança profunda que a EQM causa nas pessoas que a vivenciaram. As pessoas voltam com valores renovados, procuram amar incondicionalmente todas as manifestações de vida e, também, procuram conhecer ao máximo, ou seja, matriculam-se em cursos, procuram ler avidamente (mesmo que não gostassem antes da leitura), enfim.

Afirmam que somente o amor e o conhecimento são o que verdadeiramente levamos para a outra dimensão. Corroboram, portanto, as assertivas do Espírito de Verdade quando disse para amar-nos e instruir-nos. Bem como Emmanuel e outros que afirmam que o sentimento e a razão são as duas asas que nos levarão ao Criador.

A contribuição de Raymond Moody ao mundo acadêmico foi e continua sendo bastante preciosa. Ele foi, juntamente com Kübler-Ross, um dos responsáveis pela disseminação da imortalidade da vida no mundo científico. Graças a ambos e outros tantos a ciência começa a atentar para tais verdades. Quem desejar estudar mais a respeito da temática deve lê-lo, porque ele nos traz ensinamentos valorosos.

Cegueira³

O ínclito escritor português, José Saramago, assim inicia sua obra:

(...) O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. O primeiro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema mecânico qualquer, o acelerador solto, a alavanca da caixa de velocidades que se encravou, ou uma avaria do sistema hidráulico, blocagem dos travões, falha do circuito elétrico, se é que não se lhe acabou simplesmente a gasolina, não seria a primeira vez que se dava o caso. O novo ajuntamento de peões que está a formar-se nos passeios vê o condutor do automóvel imobilizado a esbracejar por trás do para-brisa, enquanto os carros atrás dele buzina frenéticos. Alguns condutores já saltaram para a rua, dispostos a empurrar o automóvel empanado para onde não fique a estorvar o trânsito, batem furiosamente nos vidros fechados, o homem que está lá dentro vira a cabeça para eles, a um lado, a outro, vê-se que grita qualquer coisa, pelos movimentos da boca percebe-se que repete uma palavra, uma não, duas, assim é realmente, consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta: Estou cego.

A trama, muito bem engendrada pelo magistral escritor, envolve o leitor e o faz refletir acerca das misérias humanas. A obra é permeada por situações angustiantes, degradantes, aflitivas, que denotam a condição humana. É um libelo contra as injustiças sociais, contra a moral e os costumes aviltantes.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo X, intitulado: *Bem-aventurados os que são misericordiosos*, encontramos o excerto do Mestre Nazareno, que transcrevemos abaixo:

Como é que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, quando não vedes uma trave no vosso olho? Ou, como é que dizeis ao vosso irmão: — Deixa-me tirar um argueiro do teu olho —, vós que tendes no vosso uma trave? Hipócritas, tirai primeiro a trave do vosso olho e depois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão. (Mateus, 7:3 a 5).

Interessante o paralelo que se pode estabelecer entre a obra de Saramago e a passagem evangélica. Em verdade, para se analisar as mazelas que estão em nós mesmos, faz-se mister que nos transportemos para fora de nós mesmos e nos perguntemos: "Que pensaria eu se visse alguém fazer o que faço?".

É imperioso que nos coloquemos diante de um espelho e nos autoanalisemos. Diz-nos o evangelho que o orgulho e a vaidade nos obstam tal reflexão.

³ Artigo publicado, originalmente, no site O Consolador. Ano 7 - Nº 355 - 23 de Março de 2014. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano7/355/marcos_paulo.html

Curiosamente, porém, Saramago elege a figura feminina como a única a conseguir ver diante da *cegueira branca*. Assim, a obra é passada ao leitor pelos olhos daquela única personagem que vê.

Não é fortuita tal eleição pelo feminino. Já é um atributo da mulher a nobreza nos sentimentos. Logo, ela não precisa ver para compreender determinada situação. Ao contrário, ela sente e, por sentir, consegue compreender e, por conseguinte, **AMAR!**

Falta-nos justamente essa percepção, essa sublimação dos sentimentos, já que temos os olhos oblíquos para o negativo, para os estereótipos, para a maledicência, para o orgulho e a vaidade.

O Mestre de Nazaré já sabiamente nos recomendava "*tirai primeiro a trave do vosso olho e depois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão*", quer dizer, devemos envidar todo o esforço para nos tornarmos bons, probos, justos, caridosos.

E, imbuídos de virtudes espirituais, ao invés de julgarmos e achincalharmos os nossos irmãos, devemos traçar meios de melhor auxiliá-los, para a sua e a nossa edificação rumo ao Infinito de Eterno Amor.

Referências bibliográficas:

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 131. ed. Brasília: FEB, 2013.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Disponível em:
<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

Carnaval: uma velha questão somada a velhos problemas⁴

Não pretendo, nestes apontamentos, adotar uma postura iconoclasta sobre o fenômeno sociocultural: **carnaval**. Aliás, é da Doutrina Espírita não impor ou obrigar a nada. Pelo contrário, ela esclarece e respeita o alvedrio dos indivíduos.

Com esse compromisso de respeito à nobre Doutrina é que tecerei a seguir alguns comentários acerca do Carnaval.

Trata-se de um evento humano bastante antigo.

A palavra vem do latim *carnem levare* e denota "suspender a carne, porque logo depois dessa época começava a suspensão do consumo de carne à mesa"¹. Além desta conduta, havia ainda a tentativa do **controle dos prazeres mundanos**.

Tais comportamentos eram reflexos da política da Igreja de aculturação das turbas.

Muito antes, porém, o carnaval, noutras culturas, era associado aos fenômenos climáticos e às deidades (especialmente, Baco e Dionísio). Consubstanciava-se na inversão de valores; na subversão dos papéis sociais; nas orgias.

Na esteira deste processo que a Igreja inculcou suas regras litúrgicas, uma vez que não via com bons olhos o descabro que se desenrolava no bojo das sociedades. Assim, permitia um período de prazeres da matéria e, posteriormente, as severidades religiosas.

Sob a batuta da evolução e do contexto histórico de cada povo, o carnaval amalgamou-se conforme o cenário em que ele se encontrava até chegar aos dias atuais...

Não é a festa em si o problema, mas a conduta do indivíduo.

É verdade que ainda é possível ver raros cenários de folguedos, engajamento político, diversão por parte das pessoas. Entretanto, não podemos desconsiderar a psicofera ambiente que é formada.

Mergulhados nas mesmas energias em que todos se encharcam, em franca cadeia de interesses similares, toda a gente se mantém no mesmo caldo de nutrição psíquica. Assim, a boa intenção contrasta com a inutilidade e materialidade dos referidos interesses, não tendo então, o bem-intencionado, a inocência ou a escusa que a si mesmo se atribui (BRITO, 2004, p. 92).

Na esteira desse conúbio psíquico devastador, as pessoas dão azo à sexolatria, ao consumo de drogas lícitas e ilícitas e, inconscientes de seus atos, celebram a loucura, a promiscuidade e a violência!

Passada a azáfama, na qual os indivíduos adentraram livremente (de sementeira livre), advém a colheita obrigatória; de cardos dolorosos.

⁴ Artigo publicado, originalmente, no site O Consolador. Ano 8 - Nº 403 - 1º de Março de 2015. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano8/403/marcos_santos.html

Os dados dos órgãos públicos, pesquisadores, ONGs, entre outros, atestam o resultado da sandice: abortos incontáveis, mortes ou sequelas graves em decorrência dos acidentes de trânsito (frutos da embriaguez e da irresponsabilidade); os assassinatos; as agressões físicas; os estupros; as destruições das famílias; os adultérios; as doenças sexualmente transmissíveis; os vícios em decorrência das drogas; as loucuras...

Diante deste cenário dantesco e considerando que o fenômeno carnavalesco durará por muito tempo, sou caudatário de atividades mais edificantes, quais sejam, a leitura de um livro edificante, o convívio familiar (já tão difícil de efetivar no cotidiano), a visita a um abrigo para auxiliar o próximo, a doação de sangue, o plantio de uma árvore, o passeio para lugares idílicos e tranquilos, o descanso simplesmente, o ócio criativo!

Como dissemos no início, nada é imposto pela Doutrina Espírita, tampouco estou aqui para dizer o que é certo ou errado na conduta de qualquer pessoa. Ainda necessito aparar as minhas anfractuosidades, que já são muitas. Mas é imperioso considerar que os ensinamentos espíritas trazem em seu bojo luzes miríficas para que possamos trilhar com mais segurança a existência terrena.

Abaixo, compartilho com os leitores um vídeo do insigne Divaldo Pereira Franco, no qual ele tece comentários muito mais caudalosos do que o que foi apresentado aqui: <http://www.youtube.com/watch?v=M8tqoDfHXjA>

Referência:

BRITO, Thereza de (Espírito). *Vereda Familiar*, psicografado por J. Raul Teixeira. 5ª ed., Niterói, RJ: Fráter, 2004.

¹ Disponível em <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/carnaval/>>. Acesso em 23/02/2014.

OBSERVAÇÃO: Caso o(a) leitor(a) não encontre o vídeo no link supracitado, por favor, digite os vocábulos: *Divaldo Franco* e *Carnaval* no portal Youtube e muitas informações serão apresentadas.

Vossos filhos não são vossos filhos...⁵

Recente notícia causou certo espanto em diversas pessoas. Vejamo-la:

"Uma menina de 9 anos matou na segunda-feira (25) um instrutor de tiro por acidente, enquanto aprendia a disparar uma submetralhadora automática Uzi, no estado americano do Arizona. O acidente aconteceu quando a criança, que tinha sido matriculada no curso pelos pais, perdeu o controle da arma e puxou o gatilho, atingindo Charles Vacca, de 39 anos, na cabeça. O instrutor chegou a ser transportado de helicóptero para um hospital local, mas morreu durante o traslado"¹.

Indubitavelmente, é um caso a se lamentar!

O que chamou atenção não foi apenas a pusilanimidade e a hipocrisia da sociedade norte-americana (algo que mereceria outra reflexão, noutro momento), mas a postura dos genitores ao quererem que uma criança, de 9 anos, aprendesse a manusear uma arma de fogo.

Qual o sentido dessa conduta tão execrável?

Antes de tecermos algumas reflexões, vejamos a concepção de filho trazida a lume pelo ínclito poeta, Gibran Khalil Gibran:

"Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podereis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós,

⁵ Artigo publicado, originalmente, no site O Consolador. Ano 8 - Nº 381 - 21 de Setembro de 2014. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano8/381/marcos_santos.html

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como Ele ama a flecha que voa, ama também o arco que permanece estável”.

Não restam dúvidas de que a função precípua dos pais é a de envidar todo o esforço possível para a educação dos filhos. Estes não são “propriedades” dos pais, que muitas vezes desejam forjá-los ao seu modo de encarar a vida. Os filhos são seres enviados por Deus, para que outros seres (os pais) colaborem no desenvolvimento do Espírito imortal.

Os pais são, portanto, quais professores que devem orientar os filhos para a vivência no mundo, mas com a mente voltada para a espiritualidade. Para tanto, podem lançar mão de diversas metodologias, criativas, diversificadas e firmes.

O caso apresentado no início deste texto demonstra exatamente o **que não se deve fazer**. O que justifica ensinar uma criança a utilizar uma arma? Para num momento de contrariedade ela descarregar a sua raiva contra os pais?

É certo que não devemos julgar as pessoas, atirar (*sem nenhum trocadilho*) a primeira pedra. Mas é fora de dúvidas que os pais são os responsáveis pela morte do instrutor e pelo processo de culpa que essa criança vier a desenvolver. Porque foram eles que a levaram para “aprender” a atirar.

Se o desejo tivesse vindo dela, eles, enquanto responsáveis, deveriam se posicionar contrários e criar mecanismos para debelar tal comportamento.

Não há que se chocar diante de um quadro desses nos noticiários, ainda mais vindo de uma sociedade tão belicosa por natureza em que, costumeiramente, ocorrem casos de pessoas tresloucadas atirando umas nas outras em colégios, praças públicas etc. Enquanto vigorar essa política espúria em nome de uma “segurança”, haverá sangue de “inocentes” derramados e desencarnes prematuros...

Aos pais, fica a reflexão de que dizer o **NÃO** pode salvar vidas. Muitos, infelizmente, delegam a função de educar para terceiros: a escola, a babá, entre outros. Esquecidos de que a competência é deles mesmos.

Não foi sem motivo que os Espíritos disseram:

“Ó espíritas! compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa receberéis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se por culpa

Vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedireis vos seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, outra encarnação em que o cerqueis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com o seu amor". (KARDEC, 1996, p. 240.)

Referências:

GIBRAN, Khalil Gibran. *Os filhos*. **In:** O Profeta. Rio de Janeiro. ACIGI.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 112. ed. RJ: Federação Espírita Brasileira, 1996.

¹PORTAL YAHOO! <<https://br.noticias.yahoo.com/menina-nove-anos-mata-instrutor-tiro-acidental-aula-123444579.html>>

Guerra e Paz⁶

O preclaro Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, indagou aos nunes responsáveis pela edificação da Terceira Revelação a seguinte questão:

“932 – Por que, neste mundo, a influência dos maus geralmente sobrepuja a dos bons?”.

E os Imortais redarguiram:

“Por fraqueza dos bons. Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, haverão de preponderar.”

A despeito de todo avanço científico-tecnológico o homem e a mulher contemporâneos não lograram viver pacificamente em sociedade. Há dois mil anos ou vinte séculos do Livro da Vida continuamos a ignorar o apelo do sublime Cordeiro de Deus aos valores nobres da Vida. No campo político a situação não é diferente.

Por um sem-número de motivos os políticos do mundo enveredam-se na corrupção, na hediondez das guerras pretextando a paz, nos jogos de interesse... Trazem consigo destruição e danos muitas vezes irreparáveis.

Segundo dados da revista *Mundo Estranho*, editora Abril, os Estados Unidos da América detêm o maior poder bélico do planeta, seus gastos estapafúrdios com armamentos ultrapassam os 320 bilhões de dólares. Esse país extremamente belicoso não se encontra sozinho nos investimentos elevados com a morte. Encontram-se atrás dos EUA, na sequência, as outras 9 maiores potências militares do mundo: Rússia e China com 48 bilhões de dólares, cada; França com 38 bilhões de dólares; Reino Unido com 35 bilhões de dólares; Coreia do Norte com 4,7 bilhões de dólares; Índia com 13 bilhões de dólares; Paquistão com 2,5 bilhões de dólares; Coreia do Sul com 12 bilhões de dólares e, por fim, Israel com 9,4 bilhões de dólares.

Juntas essas nações gastam mais de meio trilhão de dólares com artefatos para exterminar a vida. Contam-se que os gastos com a invasão do Iraque por parte dos EUA ultrapassaram os 3 trilhões de dólares. Como não haverá crise global dessa maneira? Por que tamanha monta não é revestida em investimentos em pesquisas, saúde, educação?

Educação de qualidade para todos os povos, para que saíssem da noite do analfabetismo; pesquisas avançadas para as doenças escabrosas da humanidade; investimentos em infraestrutura de países onde campeia a miséria, que nada mais é do que o fruto de guerras fratricidas; extermínio da fome e da escassez de água no planeta para bilhões de pessoas que não têm tais recursos para a própria subsistência...

⁶ Artigo publicado, originalmente, no site *O Mensageiro*. Disponível em <http://www.omensageiro.com.br/artigos/artigo-234.htm>.

O que poderíamos realizar de bom para o progresso planetário com tamanha quantia de dinheiro? A lista é extensa...

Porém, os governantes de tais nações, assim como os seus asseclas, não almejam o engrandecimento do planeta e de seus habitantes. Querem impor o respeito pela força, esquecidos de que o respeito se conquista com a paz. O maior líder do planeta, Jesus Cristo, revolucionou o mundo pelo seu inesgotável amor.

Vemos constantemente nos noticiários os numerosos desencarnes por conta da violência e os governos, ao invés de investirem contra, fomentam-na. E muitos de nós cruzamos os braços em uma atitude tácita e tímida. É mister que o espírita conquiste o seu lugar ao sol, sem alarde, sem proselitismo. Mas não negando o dever de ser espírita no mundo! A resposta à questão 932 é clara. Basta que nós, espíritas, e muitos outros irmãos profíctes de outras religiões queiramos. E a situação há de se modificar

Temos tais governantes porque os escolhemos. Quando a luz espiritual adentrar a mente e o coração de todos nós, teremos governantes melhores, porque seremos pessoas melhores.

Sobre o egoísmo⁷

Ao refletirmos sobre a grave questão, pedimos licença ao insigne escritor Rodolfo Calligaris para reproduzirmos em parte suas explanações na obra *As Leis Morais*.

O egoísmo é indubitavelmente a matriz de todas as mazelas humanas. Devido a esse sentimento espúrio, a humanidade torna-se infeliz. Ele se apresenta sob diversas formas e algumas são bastante tênues.

Rodolfo Calligaris apresenta-nos algumas dessas facetas, a saber:

- **O egoísmo individual:** é aquele centrado somente em si mesmo, a ponto de ignorar aqueles que nos cercam, inclusive familiares. Tudo gira em torno do próprio "umbigo". É um narcisismo. Os fins justificam os meios para se chegar à satisfação do ego.

- **O egoísmo familiar:** provém daqueles que olvidam que somos todos irmãos, oriundos de uma mesma fonte, que é Deus. São aqueles que só auxiliam e têm olhos para os seus parentes consanguíneos. Se porventura surgir uma situação em que seja necessário o desprendimento (material, de tempo, de carinho) para auxiliar alguém que não seja do vínculo carnal, inventam desculpas. Dizem que não podem, que o empenho com a família (sanguínea) já exige bastante etc.

- **O egoísmo de classe:** consiste nas reivindicações dos trabalhadores. Eles pressionam governos, olvidam a coletividade para atenderem aos seus interesses. Preocupam-se tão somente com a própria classe. Não se importam com o "desequilíbrio e os sacrifícios que isso possa custar à coletividade."

É perfeitamente justo o trabalhador cômico, probo, ético, reivindicar melhores condições de trabalho. Não pensamos diferente. Entretanto, convém lembrarmos que esse movimento de classe que afeta milhares ou milhões de pessoas por não mais oferecer os serviços básicos se torna prejudicial, deletério, nefasto; porque ignora o coletivo.

É interessante notarmos também que os mesmos que pedem salários polpudos mantêm empregadas com salários pífios em suas casas para satisfazerem a seus caprichos. Exigem delas horas e horas de trabalhos, dedicação e prestação de serviço de qualidade, mas pagam salários ridículos a essas mulheres com condições sociais e econômicas degradantes. Esquecem-se de que elas também têm uma família a zelar, têm filhos, têm o seu momento de lazer. Porém, quando apresentam um atestado médico por motivo justo de saúde, recebem repreensão. Enfim, é apenas um exemplo para demonstrarmos o paradoxo. O mesmo que pede salário polpudo mantém aqueles que são seus subalternos em condições degradantes.

⁷ Artigo publicado, originalmente, no site *O Mensageiro*. Disponível em <http://www.omensageiro.com.br/artigos/artigo-221.htm>

- **O egoísmo de raça:** ao largo da História, tem-se notado os conflitos dolorosos por questões raciais. O Espiritismo demonstra por meio da reencarnação que essas questões são pueris, uma vez que aquele que nasce na condição de branco e rico hoje poderá nascer, a seu turno, na condição de um negro e pobre. A reencarnação nivela todos nós. Os conflitos raciais envergonham a história. Hitler queria a superioridade da raça ariana. Martin Luther King, com sua filosofia do amor e não-violência, conseguiu melhorar a condição de vida dos negros norte-americanos. Enfim... A História está repleta de exemplos negativos e positivos com relação a essa temática que na sociedade não mais se justificam devido aos esclarecimentos e aos avanços científico-tecnológicos a que chegamos. Infelizmente ainda hoje se ouvem comentários extremamente racistas de pessoas no dia-a-dia ou de personalidades nos meios de comunicação. Ainda hoje perseguem-se pessoas por causa da cor de sua pele. E isso se dá de uma maneira cruel e sub-reptícia: em uma entrevista de emprego, por exemplo. Há ainda um ranço dessa nossa condição de barbárie que necessita urgentemente ser extinto.

- **O egoísmo nacional:** é o tipo de egoísmo mascarado com o nome de "patriotismo". Países que são potências do mundo ao invés de auxiliarem os menos favorecidos preferem, a pretexto de levar "cultura, ciência, progresso", invadir esses países; impõem seu modus vivendi, seu modus operandi, exterminam famílias... tudo com o intuito de expandir o território, o poder, a força, o domínio... Semeiam o ódio e colhem o terror.

- **O egoísmo sectário:** é o mais funesto dos egoísmos. É aquele que considera a sua forma de ver a vida a única correta. Ignoram que todos os caminhos levam à casa do Pai, independente do tipo de religião professada. Mas, esses egoístas transformam crentes em fanáticos. Esses últimos nada podem ler ou ouvir que contrarie sua maneira de enxergar a vida. Somente a sua Igreja está certa. É a única que salva. O restante é erro, é "pecado". Têm a absurda capacidade de auxiliar somente àquelas instituições que têm os mesmos princípios da sua religião. Ignoram que outros estabelecimentos também fazem caridade e transformam o mundo. O fanatismo religioso, político, filosófico é doença da alma que fomenta ainda mais a violência e a estupidez no mundo.

Após essa breve explanação, reiteramos que o Espiritismo, devido a sua proposta de transformação moral do ser humano e por ser calcado no evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, é um poderoso antídoto contra o egoísmo, pois ensina-nos que somente por meio da caridade (moral e material) conseguiremos a nossa salvação.

Livre-arbítrio e responsabilidade⁸

A **liberdade** é um tema candente no bojo da humanidade. Não se pretende, aqui, realizar um mergulho integral ao tema. Até porque, há uma alentada e mais complexa produção literária. Porém, não vamos resvalar em simplificações impróprias. Dosaremos o tema à luz da Doutrina Espírita.

A íclita obra "O Livro dos Espíritos", que veio a lume a 18 de abril de 1857, destina um capítulo exclusivo para a Liberdade. Insculpido no capítulo X, da parte terceira, da referida obra, ela é tratada como uma **lei universal**. Mas há um detalhamento maior acerca disso por parte dos Espíritos. É o que veremos adiante.

No subtítulo "**liberdade natural**", os numes tutelares dizem que a liberdade absoluta não existe, uma vez que necessitamos uns dos outros para uma convivência e subsistência. Deste modo, a liberdade termina quando inicia a do outro. Desde que se tenham dois seres humanos há uma liberdade relativa colocada; exceção feita aos que optam por se isolar. E, como exemplo, os Espíritos nos dão a visão de um eremita no deserto.

No item subsequente, denominado "**escravidão**", os Espíritos repudiam toda forma de subjugação dos semelhantes. Ou seja, eles são totalmente contrários à escravidão. Nada a justifica. Contudo, porque estamos em processo evolutivo, é necessário relativizar o contexto. É fora de dúvida que a escravidão é um mal. Obviamente que cada um responderá de conformidade com o seu grau de conhecimento e, conseqüentemente, de responsabilidade sobre um determinado fato. Dizem eles:

O mal é sempre o mal e não há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza. Mas, aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Tendo-se a escravidão introduzido nos costumes de certos povos, possível se tornou que, de boa-fé, o homem se aproveitasse dela como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde que mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, nenhuma desculpa mais ele tem (Resposta à questão 830).

Neste sentido, com o advento do conhecimento, dos ideais libertários e revolucionários, sob a égide da razão e da nova concepção de direitos humanos, a sociedade moderna não compactua mais com qualquer forma de exploração do ser humano.

No subtítulo "**liberdade de pensar**", como o próprio nome pode sugerir, o ser humano é livre de qualquer amarra. Ou seja, ele é absolutamente livre pelo

⁸ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 8 - Nº 378 - 31 de Agosto de 2014. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano8/378/marcos_santos.html

pensamento e somente a Deus deve satisfações. Deus, na sua Onipresença e infinita sabedoria e bondade, é o Único que pode fazer qualquer tipo de julgamento, analisar o contexto, a intenção e a natureza daquele pensamento etc.

Na "**liberdade de consciência**", os Espíritos esclarecem que "A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos" (Resposta à **questão 835**). Portanto, somente a Deus cabe qualquer tipo de julgamento. Estabelecem ainda que não se podem aviltar as consciências, seja em que sentido for. Do contrário, isso seria faltar com a caridade e o respeito que caracterizam o homem de bem.

Quanto ao "**livre-arbítrio**", o ser humano também goza de liberdade para as próprias ações. Ou seja, é livre para arbitrar, escolher, decidir sobre o seu próprio destino. É óbvio que toda escolha importa numa **responsabilização** do autor, seja positiva ou negativa. "Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina" (Resposta à **questão 843**).

O livre-arbítrio sofre influência da matéria (do corpo, do meio social em que está inserido o ser humano etc.), mas isso não é escusa para as ações negativas que porventura venha tomar.

O livre-arbítrio também está relacionado com o conhecimento que se tem. Em outras palavras, uma criança não tem o mesmo grau de responsabilização de um adulto; bem como o ser humano considerado "selvagem" ou "primitivo" não pode ser imputado da mesma forma que um ser humano que goza dos privilégios da civilização, da modernidade, do conhecimento formal...

É inegável que sobre o Espírito exerce influência a matéria, que pode embaraçar-lhe as manifestações. Daí vem que, nos mundos onde os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desdobram mais livremente. Porém, o instrumento não dá a faculdade. Além disso, cumpre se distingam as faculdades morais das intelectuais. Tendo um homem o instinto do assassinio, seu próprio Espírito é, indubitavelmente, quem possui esse instinto e quem lho dá; não são seus órgãos que lho dão. Semelhante ao bruto, e ainda pior do que este, se torna aquele que nulifica o seu pensamento, para só se ocupar com a matéria, pois que não cuida mais de se premunir contra o mal. Nisto é que incorre em falta, porquanto assim procede por vontade sua (Resposta à questão 846).

Quando, porém, o ser humano vê as suas faculdades limitadas por quaisquer motivos e ele não pode concatenar seu pensamento e, por conseguinte, escolher o que deseja, isso é a reação de uma ação malograda de uma existência transata.

Já não é senhor do seu pensamento aquele cuja inteligência se ache turbada por uma causa qualquer e, desde então, já não tem liberdade. Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, porventura, tenha sido, noutra existência, fútil e orgulhoso, ou tenha feito mau uso de suas faculdades. Pode esse Espírito, em tal caso, renascer no corpo de um idiota, como o déspota no de um escravo e o mau rico no de um mendigo. O Espírito, porém, sofre por efeito desse constrangimento, de que tem perfeita consciência. Está aí a ação da matéria (Resposta à questão 847).

Nem mesmo as ações decorrentes da embriaguez são escusas para o ser humano, uma vez que ele mesmo teve ensejo de escolher...

“848. Servirá de escusa aos atos reprováveis o ser devida à embriaguez a aberração das faculdades intelectuais?

– Não, porque foi voluntariamente que o ébrio se privou da sua razão, para satisfazer a paixões brutais. Em vez de uma falta, comete duas.”

Assim, Allan Kardec encerra o referido capítulo, afirmando:

A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências (Item 872).

Nossas considerações não esgotam em hipótese alguma os debates acerca da liberdade. Mas contribuem para o início das reflexões sobre esta lei tão especial. O capítulo aqui evocado é bastante profícuo e merece reflexão por parte dos confrades espíritas.

Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho⁹

Com a devida vênia a este veículo de comunicação que se propõe a debater magnas questões acerca da Doutrina Espírita, eu não poderia deixar de fazer o meu registro sobre os movimentos sociais que têm ocorrido no Brasil nos últimos tempos. Passar incólume a isso tudo configuraria, indubitavelmente, um acinte à História e, outrossim, ao posicionamento espírita dos fatos.

É sobejamente conhecida a obra "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho" e aqueles que somos adeptos do Espiritismo acreditamos nisso. Ou seja, que o país, devido aos habitantes que o caracterizam, e pelos Espíritos devotados que por aqui já aportaram (Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Yvonne do Amaral Pereira, só para citar alguns) tende a ser, de fato, um espelho para o mundo, no que tange aos direitos sociais, direitos humanos, fraternidade, enfim, o amor na sua maior acepção. Há antecedentes históricos, culturais, filosóficos que favorecem tal prognóstico.

Todavia, torna-se mister lançar luz sobre os últimos eventos sociais. Certamente, seus desdobramentos terão reflexos nos planos da espiritualidade para o Brasil. O que precisa ser questionado é: Qual o motivo do levante popular em diversas regiões da nação?

Uma leitura superficial demonstrará que o mote não foi apenas os vinte centavos das passagens de ônibus de São Paulo. A leitura deve ser mais profunda! Nos últimos tempos, o país tem convulsionado com obras exorbitantes para os megaeventos esportivos, enquanto que áreas essenciais à subsistência, como **saúde e educação**, carecem de infraestruturas mínimas. Ademais, os nossos legisladores, com **honrosas exceções**, têm elaborado leis estapafúrdias, como a famigerada "Cura Gay", como se homossexualismo fosse doença e eles, "nobres deputados", não sofressem de doenças terríveis como o preconceito, orgulho, vaidade, conservadorismo, racismo...

A profusão de escândalos políticos surge no bojo da mídia, que exhibe o que lhe apraz, subestimando o intelecto da população que não é mais ingênua há muito tempo... Graças ao nível de escolaridade e o advento das tecnologias, especialmente, das redes sociais (Internet).

São questões graves como a corrupção; a precarização dos meios de transporte, saúde e educação; escândalos como a tal "Cura Gay" ou a "PEC 37"; além da parvoíce com que os parlamentares (com raríssimas exceções) tratam as pessoas, que culminaram com o "despertar do gigante adormecido".

É verdade que há uma parcela insignificante que depreda tudo, que quer a balbúrdia, a violência... Felizmente, são poucos! Infelizmente, é só o que a mídia destaca. Muitas são as pessoas que pedem PAZ e melhores políticas públicas para o Brasil. Assim, a luta da população é válida! Faz parte da democracia. O grito de insatisfação é uma maneira de demonstrar o descontentamento e assegurar um futuro melhor, mais justo, fraterno, ético.

⁹ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 7 - Nº 324 - 11 de Agosto de 2013. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano7/324/marcos_paulo.html.

Que nós, espíritas, não nos iludamos com o papel do Brasil no mundo. **Ele só será a pátria do Evangelho se NÓS fizermos dele isso.** Afinal, não existe só ele de nação no mundo, e outro país pode ser designado para tal. Tenhamos os pés no chão.

Os pais do mundo contemporâneo¹⁰

No dia 6 de dezembro de 1883, próximo aos cedros milenares, em uma montanha no Líbano, nascia Gibran Khalil Gibran. Ele teve oportunidade de ir aos Estados Unidos e lá exteriorizar toda a beleza que jazia em sua alma em forma de pinturas místicas e de uma literatura comovente e atual.

Ele escreveu obras notáveis. Em uma delas encontramos o poema "Os filhos"¹, que transcrevemos abaixo:

E uma mulher que carregava o filho nos braços disse: "Fala-nos dos filhos". E ele disse:

"Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podereis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós,

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:

¹⁰ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 2 - Nº 93 - 8 de Fevereiro de 2009. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano2/93/marcos_santos.html

Pois assim como Ele ama a flecha que voa, ama também o arco que permanece estável”.

Interessante, profundo e atual o pensamento desse homem que desconhecia os ensinamentos espíritas. E nos força a seguinte pergunta: Como estão os pais da atualidade?

– Os pais estão preocupadíssimos em darem coisas do que em darem-se. Dar a coisa é uma forma de se ver livre, dar-se é uma oportunidade de oferecer e exercitar o amor. O que não ocorre na atual conjuntura. Então, é preferível dar o videogame para a criança e não orientá-la e acompanhá-la em seu desenvolvimento; é melhor dar a motocicleta para o adolescente e não guiá-lo em seus conflitos; é mais cômodo dar o automóvel para o filho, para ele matar os outros e matar-se. Porque os pais da modernidade não têm tempo, ou chegam a casa cansados, enfim, há milhares de desculpas para não educar o ser reencarnante;

– Os pais obrigam seus filhos a pensarem como eles. Mas esquecem-se de que seus filhos têm os próprios pensamentos, pois são Espíritos milenares. Assim, encontramos conflitos na relação pais e filhos, porque os primeiros querem impor uma forma de pensamento ou a profissão a ser seguida etc. Sendo que a única coisa que de fato se pode outorgar é o amor, os pensamentos podem ser apresentados, nunca impostos!;

– Há, também, os pais que tiveram grande satisfação em trazer os filhos ao mundo, mas não têm a mesma alegria para cuidar deles. Deste modo, embora tenham pais biológicos, temos dentro de um mesmo lar jovens que são órfãos porque seus pais não cuidam deles, não dialogam, nem querem saber como os filhos estão... Os filhos são seres estranhos que apenas se alimentam e dormem no lar, mas desconhecem os pais e estes aos filhos;

– Há os pais excessivamente liberais, que deixam seus filhos fazerem o que bem entenderem. Ou ainda aqueles pais extremamente opressores, que agridem de várias maneiras seus filhos criando um ódio interior nesses, ao invés do respeito e do amor que deveriam ter. Existem também os pais que mimam os filhos e não deixam que eles evoluam, os protegem excessivamente impedindo que eles criem asas para emanciparem-se.

Diante do exposto, percebemos que no palco das reencarnações nós assumimos infinitos personagens. Podemos ser filhos, irmãos, maridos, esposas, pais... Tudo isso de um modo temporário, porque somos em realidade irmãos, oriundos do Sempiterno.

Quando os pais se esquecem de que os filhos reencarnados são seres milenares e que carecem de uma boa base para a evolução, o grande “Arqueiro” pergunta-lhes: “Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?” e os pais que tiverem falhado, quais arcos, serão encurvados pelo Arqueiro e deverão retornar para que a tarefa seja realizada com êxito.

“A tarefa não é tão difícil quanto vos possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana”².

Por outro lado, os pais que tudo tiverem feito (tudo mesmo) para a melhoria dos filhos e estes não conseguirem seguir uma trajetória ética e cristã, nada temerão. Pelo contrário, deverão permanecer com suas consciências tranquilas porque o Onipotente tudo sabe e reconhecerá, certamente, o trabalho hercúleo desses pais abnegados.

Os pais do mundo atual devem compreender que o ato de educar os filhos é de extrema importância e, no cadinho doméstico, se iniciam essas etapas educativas.

Ó espíritos! compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro³.

Referências:

¹GIBRAN, Khalil Gibran. *Os filhos*. **In:** O Profeta. Rio de Janeiro. ACIGI

²KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 120 ed. Rio de Janeiro. FEB, 2002.

³Idem, 2002.

O alerta de Acelino¹¹

"A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente."

O eminente Espírito André Luiz, por intermédio da sublime mediunidade de Chico Xavier, narra o curioso caso de Acelino, na obra "Os mensageiros". Após os ensinamentos e estímulos do mentor Telésforo, antigo lidador da Comunicação, os circundantes encetavam conversações edificantes. Para aqueles que lemos as obras de André Luiz, observamos que ele se utiliza desses momentos para transmitir-nos profundos conhecimentos. E é, justamente, nessa ocasião de conversa fraterna que ele nos aponta o caso de Acelino.

Diz-nos Acelino:

— Também parti de "Nosso Lar", no século findo, após receber valioso patrimônio instrutivo dos nossos assessores. Segui enriquecido de bênçãos. Uma de nossas beneméritas Ministras da Comunicação presidiu, em pessoa, as medidas atinentes à minha nova tarefa. Não faltaram providências para que me felicitassem a saúde do corpo e o equilíbrio da mente. Após formular grandes promessas aos nossos maiores, parti para uma das grandes cidades brasileiras, em serviço de nossa colônia. O casamento estava em meu roteiro de realizações. Ruth, minha devotada companheira, incumbir-se-ia de colaborar comigo para melhor desempenho das tarefas. Cumprida a primeira parte do programa, aos vinte anos de idade fui chamado à tarefa mediúnica, recebendo enorme amparo dos benfeitores invisíveis. Recordo ainda a sincera satisfação dos companheiros de grupo doutrinário. A vidência, a audição e a psicografia, que o Senhor me concedera, por misericórdia, constituíam decisivos fatores de êxito em nossas atividades. A alegria de todos era inexcedível. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, inclinei-me a transformar minhas faculdades em fonte de renda material. Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que o Senhor me enviaria mais tarde, após meus testemunhos no trabalho, e provoquei, eu mesmo, a solução dos problemas lucrativos. (LUIZ, 2000: 48-49).

E, depois de enxugar o pranto, Acelino obtemperou:

— Não fui homicida nem ladrão vulgar, não mantive o propósito íntimo de ferir ninguém, nem desrespeitei alheios lares, mas, indo aos círculos carnais para servir às criaturas de Deus, nossos irmãos, auxiliando-os no crescimento espiritual com Jesus, apenas fiz viciados da crença religiosa e delinquentes ocultos, mutilados da fé e

¹¹ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 3 - Nº 150 - 21 de Março de 2010. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano3/150/marcos_santos.html

aleijados do pensamento. Não tenho desculpas, porque estava esclarecido; não tenho perdão, porque não me faltou assistência divina.

E, depois de longa pausa, concluiu gravemente:

— *Podem avaliar a extensão da minha culpa?* (LUIZ, 2000: 51).

Esse breve capítulo da magnífica obra suscita uma série de reflexões. E, certamente, é difícil compreendermos profundamente a extensão da culpa de Acelino. Assim, não podemos responder a pergunta que ele mesmo faz ao final do capítulo de modo completo. Mas é possível fazer algumas ponderações, a começar pela preparação dele.

Em sua narrativa observamos que ele teve o privilégio de ter lições com uma das beneméritas ministras da Comunicação. Ademais, recebeu o concurso dos Espíritos benfeitores para que tivesse um corpo físico saudável e a mente equilibrada. A companheira Ruth seria o sustentáculo para a caminhada segura, especialmente nas situações difíceis da vida terrena. E, a serviço de “Nosso Lar”, ele nasceria em uma grande cidade para divulgar a doutrina e trabalhar para o bem. Em síntese: foi um Espírito bastante privilegiado desde o mundo espiritual. Cabe salientar que não são todos que recebem o imprescindível auxílio para a volta ao corpo material. Muitos renascem de forma bastante diversa da vivenciada por Acelino.

Passadas as vinte primaveras, Acelino seguiu com o auxílio inesgotável do mundo superior e com a eclosão das faculdades mediúnicas teve ensejo de melhor contribuir e concretizar as promessas feitas no mundo espiritual. Porém, como ele mesmo asseverou, não soube esperar os tesouros inefáveis do Criador quando retornasse a “Nosso Lar” e, seduzido pelos prazeres materiais, deixou-se arrastar pela *mercantilização* da mediunidade. O pobre personagem passou por sofrimentos acerbos e perambulou por onze anos nas regiões de sofrimentos. Tudo por causa do seu ato infeliz!

Não é difícil encontrarmos nas grandes cidades situações como a de Acelino. Pessoas existem que mercantilizam a mediunidade, divulgam-na em *outdoors*, panfletos, Internet etc. E o mais grave é que se revestem do nome de espíritas. De tal modo que são capazes de ludibriar os incautos e amealharem grandes fortunas.

Não compete a nós julgarmos essas pessoas. As consequências de tais atos já as conhecemos por meio de narrativas como a de Acelino e tantos outros Espíritos que falharam e vieram nos alertar. Compete a cada um trilhar seu próprio destino. Mas acreditamos que o estudo sério das obras básicas do preclaro codificador e dos ensinamentos de André Luiz, Emmanuel e tantos outros notáveis Espíritos, se vivenciados, fariam com que essas pessoas não prosseguissem no erro grave.

O alerta de Acelino não pode passar despercebido para nós espíritas. Devemos ter muitíssimo cuidado para não macularmos algo tão sublime que é a mediunidade. E, sobretudo, não permitirmos que nos centros espíritas ocorram tais práticas, que muitas vezes de maneira sub-reptícia ou com o enaltecimento de médiuns, os personalismos, as invejas, intrigas etc., conseguem adentrar as casas espíritas e causar profundas perturbações. Nunca é demais lembrar que “a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais

absoluto desinteresse **moral** e **material**". (KARDEC, 2002: 366.) Corroborando a máxima do Excelso Mestre: "Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido".

Referências:

Kardec, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 120. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

Luiz, André; Xavier, Francisco Cândido. *Os Mensageiros*. 34. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2000.

As duas faces do desenvolvimento¹²

A maior parte das descobertas científicas ou desenvolvimentos tecnológicos apresenta dois pontos antitéticos: um positivo e outro negativo.

É bem óbvio que devemos enaltecer o esforço das mentes privilegiadas para a edificação de um mundo melhor, mais justo e fraterno. Entretanto, recente notícia causou-me profundo espanto (porque até então, eu só tinha visto tal façanha em seriados de televisão e filmes futuristas). Foi idealizada uma impressora 3D, capaz de imprimir, entre outros objetos, uma arma. Ora, essa possibilidade, em tese, permitiria o aumento expressivo de armas e as consequências nefastas disso.

Segundo notícia do site O GLOBO:

A arma foi batizada de Liberator — homenagem às armas baratas distribuídas à Resistência francesa pelos Aliados durante a Segunda Guerra —, sendo composta por 16 peças de plástico e capaz de disparar cartuchos convencionais de pistola.

Ela foi desenvolvida durante um ano pelo grupo Defense Distributed, encabeçado pelo estudante de Direito da Universidade do Texas, Cody Wilson, de 25 anos. O protótipo foi produzido utilizando uma impressora Dimension SST (que custa cerca de US\$ 8 mil no site eBay), abastecida com plástico ABS.

Estamos diante de um cenário tenebroso, visto que o controle da produção de armas é praticamente impossível. Além disso, o passo a passo de sua confecção já se espalhou pela rede mundial de computadores e quem tiver acesso à Internet e uma impressora 3D, poderá criar sua própria pistola.

Indubitavelmente, não é necessário ser dotado de dons da profecia ou ser um sábio das ciências para vaticinar os desdobramentos disso. Lamentam-se, ainda, as possibilidades dessa arma, quais sejam, *ser de plástico, discreta, potencialmente invisível aos detectores, sem número serial, porém letal, compatível com munição convencional.*

Se de um lado as possibilidades positivas com a impressora **3D** serão inúmeras, como a construção de ferramentas, objetos, materiais diversos, por outro, teremos a sua utilização para o mal.

Acredito que seja esse o propósito do desenvolvimento científico e tecnológico: possibilitar o exercício do livre-arbítrio. Não é a impressora que é ruim. Somos nós que nos guindamos para o mal. Infelizmente, enquanto não houver uma reforma íntima para o bem, defrontar-nos-emos com essas notícias e sofreremos as consequências de nossas próprias escolhas.

Nota do Autor:

¹² Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 7 - Nº 318 - 30 de Junho de 2013. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano7/318/marcos_paulo.html

Leia mais sobre o assunto em:

<http://oglobo.globo.com/tecnologia/video-primeira-arma-feita-em-impressora-3d-testada-no-texas-8303333#ixzz2WBgyVUbf>

<http://oglobo.globo.com/tecnologia/depois-de-arms-impressoras-3d-fabricam-agora-municao-8490366>

Contar até 10¹³

Louvável a iniciativa do Conselho Nacional do Ministério Público, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e do Ministério da Justiça no combate à violência. Não faz muito tempo que eles tiveram o ensejo de lançar uma campanha intitulada "Conte até 10", na qual diversos atletas ligados às artes marciais discursavam a favor da paz.

A campanha 'Conte até 10' visa sensibilizar a sociedade com objetivo de evitar os homicídios cometidos por impulso, que ocorrem em situações como brigas em bares, discussões no trânsito ou entre vizinhos. O alvo são os crimes que acontecem em função da banalização da violência, da falta de tolerância, da ação impensada no momento da raiva. Daí a proposta de contar até dez e manter o controle (fonte: <http://www.conteate10.cnmp.gov.br/#!sobre/c139r>).

No Brasil, as causas da violência ainda se encontram bastante dispersas para uma análise fidedigna do retrato social. Entretanto, o quantitativo de pessoas que têm suas vidas ceifadas por motivos fúteis é extremamente expressivo. No estudo empreendido pelos órgãos supracitados constatou-se um hiato entre a realidade e os dados oficiais, em virtude, justamente, da imprecisão desses registros.

Diante dessa dificuldade, foi realizada uma pesquisa e os descritores foram elencados numa macrocategoria com o escopo de reunir (e compreender) um rol das causas dos homicídios. Assim, encontraram-se as seguintes motivações para a violência: ciúme, discussão entre vizinhos, intolerância religiosa, motivo fútil, homofobia, crime passional, racismo, violência familiar, conflito de trânsito, conflito agrário, entre outros (fonte: <http://www.cnmp.gov.br/portal/images/stories/Noticias/2012/Apresentao2.pdf>).

Basta uma compreensão razoável das leis espirituais e constataremos que a maioria das discussões que ocasionam a violência (que levam à morte) diz respeito às nossas enfermidades morais. O caminhar metódico da Campanha é bastante singular, mas muito eficaz. Se colocássemos em prática, efetivamente, a postura de contar até 10 ante os momentos de irritação, já evitaríamos inúmeros problemas e retornaríamos à homeostase necessária para melhor refletir antes de tomar uma ação.

Sob a ótica moral, podemos asseverar que o problema recai sobre o orgulho. É este sentimento que leva aos ímpetus de loucura, que muitas vezes culminam na morte violenta. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o Espírito Protetor diz-nos acerca desse momento: "*Ah! Se nesses momentos pudesse ele [ser humano] observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia!*" (2002, p. 166). Para se alcançar o "sangue-frio", a Campanha propõe contar até 10. Mas é importante ampliar a lente e olhar a questão sob um novo prisma. Faz-se necessário **promover uma revolução moral** na sociedade, sobretudo, nas novas gerações.

¹³ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 6 - Nº 302 - 10 de Março de 2013. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano6/302/marcos_paulo.html

Independentemente dos vínculos religiosos aos quais as pessoas estejam vinculadas, a paz, a tolerância, o respeito não podem mais esperar!

As religiões podem até divergir quanto à exegese das escrituras, mas, com relação à edificação de uma sociedade mais fraterna e amorosa, não! Torna-se premente unir-se, a despeito das diferenças, para criar métodos eficazes contra as mortes por motivos fúteis.

Outro aspecto, não menos importante, é a intervenção familiar. Uma família mais presente na vida do jovem, com exemplos que o motivem a ser uma pessoa ética, solidária, justa. Essa conduta não pode ser delegada à babá, à empregada doméstica, ao psicólogo, ao professor, à escola... Estes **são colaboradores**, porém, **os protagonistas principais são os pais** ou aqueles que se tornaram responsáveis diretos, devido às múltiplas circunstâncias da vida.

Os meios de comunicação de massa também têm expressivo papel na formação das pessoas. Não era sem motivo que Althusser os analisou e os classificou como aparelhos ideológicos do Estado. Então, que tipo de ideologia fomentamos ao assistir determinados programas televisivos? Que tipo de sociedade queremos? Que tipo de literatura escolhemos para a nossa formação? São questões que merecem reflexão.

“Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se por dominá-la. O espírita, ao demais, é concitado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs” (Idem, 2002, p.166).

Já dizia o mestre lionês: *educar é a arte de imprimir caracteres*. Torna-se, portanto, necessário dar qualidade aos caracteres.

Que tal começarmos com a proposta da Campanha diante das dificuldades que podem tirar o nosso equilíbrio no cotidiano? Vamos lá? 1, 2, 3, 4, 5...

Referências:

CAMPANHA CONTE ATÉ 10 <<http://www.conteate10.cnmp.gov.br/#!sobre/c139r>>.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 120. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

Fenômeno bullying e a Educação Espírita¹⁴

A sociedade tem, de forma geral, uma visão idílica da escola, não obstante as influências exógenas que a permeiam e que, um sem-número de vezes, são negativas. Tal visão, portanto, é equivocada na medida em que esses problemas adentram os muros da escola e descaracterizam o que deveria ser o *lócus* da sabedoria, como é o caso da violência.

A violência, problemática grave da sociedade contemporânea, é mais evidente na fase juvenil (*American Academy of Pediatrics; American Medical Association* citado por LOPES, 2005, pg. S164), e a escola, nesse contexto, é extremamente propícia à influência, tendo em vista que carrega, em seu bojo, atores sociais, jovens, com suas respectivas idiosincrasias, as quais se encontram em constante tensão.

A escola, depois do núcleo familiar, é o primeiro contato do jovem com a sociedade. E, também, representa um local que recebe constantemente influências negativas, como a violência, já mencionada anteriormente. Mas não se trata somente de violências físicas, que têm gerado investimentos elevados em segurança com câmeras, seguranças particulares, detectores de metais, muros, grades mais arrojadas, entre outros. Há uma outra forma de violência que não se conseguiu controlar; um tipo de violência implícita e, conseqüentemente, mais danosa, denominada pelos educadores e pesquisadores como *bullying*.

O fenômeno *bullying*, termo de gênese inglesa, é definido como uma reação cruel intrínseca nas relações interpessoais, em que há a sobrepujança do mais forte sobre o mais fraco e que muitas vezes constituem objetos de diversão e prazer, denominados erroneamente de "brincadeiras", mas que em realidade denotam o propósito de maltratar e intimidar (FANTE, 2005, pg. 29).

A despeito da terminologia nova, o fenômeno é antigo, e ao fazermos um esboço histórico, constatamos que os primeiros estudos sistematizados tiveram início nos anos de 1970, na Suécia. Posteriormente, na Noruega, aprofundaram-se os estudos, no final de 1982, em função de os educadores procurarem compreender a causa do suicídio de três crianças.

O precursor dos estudos sobre o fenômeno *bullying* foi Dan Olweus, que elaborou meios para detectar a problemática de forma eficaz e não dar margens a interpretações outras, em que se consideraria tal ação de maneira minimizada como brincadeiras e gozações e, portanto, inerentes e naturais ao desenvolvimento juvenil.

Com o aumento estatístico de casos, houve a necessidade de variados estudos ocorrerem em diversas partes do mundo. E constatou-se a existência de protagonistas do fenômeno com papéis bem definidos: a vítima, o agressor e o espectador.

O agressor compraz-se em oprimir, humilhar, subjugar os mais fracos. Geralmente, pertence a uma família desestruturada, apresenta carência afetiva, tem

¹⁴ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 3 - Nº 103 – 19 de Abril de 2009. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano3/103/marcos_santos.html

dificuldades de se adaptar às normas, entre outros. Ele também é impulsivo, vangloria-se diante da sua “superioridade” física e adota constantemente condutas antissociais (Idem, 2005, pg. 73).

O papel de vítima é dividido em três, a saber (Ibidem, 2005, pg. 71-72):

- a vítima típica: é a pessoa que sofre constantemente agressões físicas e/ou morais;
- a vítima provocadora: é a pessoa que atrai ou provoca as reações agressivas para si, mas não consegue resolver a situação. Geralmente é uma pessoa de costumes irritantes e que fomenta a celeuma no ambiente em que se encontra;
- a vítima agressora: é a pessoa que reproduz as agressões físicas e/ou morais sofridas.

Obviamente que em indivíduos mais frágeis.

Por fim, há também o espectador, que apenas assiste a tudo de maneira tácita (lei do silêncio) e não defende a vítima por medo de uma represália, nem se junta ao agressor por não coadunar com seu comportamento.

Todos os protagonistas do fenômeno *bullying*, em maior ou menor grau, apresentam problemas para o resto da vida. A indiferença ou o desconhecimento por parte dos educadores e pais são responsáveis pela deserção escolar (SEGREDO et al., 2006, pg. 145). Problemas psicofísicos inúmeros que podem levar aos casos extremos de suicídio e/ou assassinatos também existem nos casos em que estão os envolvidos do fenômeno *bullying*.

A Educação Espírita, relevante e necessária ao desenvolvimento juvenil para os embates da vida, propicia uma ferramenta imbatível contra o fenômeno *bullying*: O amor.

Investir na evangelização espírita, na mocidade espírita e, por consequência, nos estudos sistematizados da Doutrina Espírita (ESDE) são as chaves para uma comunidade escolar mais solidária e fraterna.

A violência, de gênese multifatorial, rodeia o jovem carente da atenção familiar, que está exposto aos filmes violentos, aos jogos violentos, aos esportes violentos... e que acaba por manifestar tal comportamento forjado na sua intimidade por um longo período.

Resgatar os valores inefáveis do grupo familiar, primeira escola por excelência, também é o papel do Espiritismo, que, em suma, luta pela transformação moral do ser humano.

O Espiritismo tem como máxima lapidar *Fora da Caridade não há salvação*, que se fundamenta no pensamento e exemplificação de Jesus, quando esteve conosco na Terra. Assim, os postulados que se derivam dos Seus ensinamentos e que foram muito bem estudados por Allan Kardec são as diretrizes de segurança que não podem ser desconsideradas. (Vianna de Carvalho, 1999, pg. 161).

Referências:

FRANCO, Divaldo Pereira. Atualidade do Pensamento Espírita. 3 ed. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada Editora, 1999.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572005000700006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 de janeiro de 2009.

SEGREDO, Cajigas de. et. al. Agresión entre pares (bullying) en un centro educativo de Montevideo: estudio de las frecuencias de los estudiantes de mayor riesgo. In: Revista Médica del Uruguay. 2006; 22: 143-151. Disponível em: <<http://www.rmu.org.uy/revista/2006v2/art9.pdf>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2009.

Cuidar do corpo e do espírito¹⁵

Debalde tentam os encarnados manter a qualquer preço a jovialidade da máquina física, marcada inexoravelmente pelo castigo do tempo. Como que embevecidos por Dorian Gray, enveredam-se na obsessão ao corpo de tal maneira que se manifestam quadros psicopatológicos graves como a anorexia, bulimia e a vigorexia.

As pessoas que sofrem de anorexia "são oprimidas por certas inquietações com os seus corpos assim como reclamam que se sentem obesas apesar de muitas vezes se encontrarem até emaciadas. Elas ficam apavoradas com a ideia de ganhar algum peso. O medo de engordar é uma característica central da síndrome anorética"¹.

A bulimia por sua vez caracteriza-se "pela ingestão compulsiva e rápida de grande quantidade de alimento, com pouco ou nenhum prazer, alternada com comportamento dirigido para evitar o ganho de peso, como vomitar (95% dos pacientes), abusar de laxantes e diuréticos, excesso de exercícios físicos ou períodos de restrição alimentar severa, sempre com medo exagerado de engordar"².

Por fim, na vigorexia temos "pessoas que mesmo fortes fisicamente, ao se visualizarem em espelhos, por exemplo, se sentem fracas"³.

Não podemos descartar a influência espiritual nesses quadros psicopatológicos de Espíritos ignorantes e perversos que almejam ver a derrocada de suas vítimas. Porém, é forçoso considerarmos que quem inicia o processo obsessivo é a própria vítima com a sua busca desenfreada por uma beleza pueril.

Essas doenças ocorrem predominantemente em pessoas jovens que estão obnubiladas pela plasticidade física perfeita. Além de buscarem medicamentos ilegais e perigosos para a saúde.

A Doutrina dos Imortais estabelece que devemos cuidar do corpo, porém, sem exageros. Sem pensamentos doentios. Aliado a esse processo de preservação corporal saudável, devemos cuidar do espírito, único sobrevivente à desagregação molecular – a morte.

Por intermédio da mediunidade de Waldo Vieira, aconselha-nos André Luiz em *Conduta Espírita*, que devemos "cultivar a higiene pessoal, sustentando o instrumento físico qual se ele fosse viver eternamente, preservando-se, assim, contra o suicídio indireto".

Ora, a higiene corporal deve ser praticada por todas as pessoas, porque sem ela muitas doenças sérias acometem o corpo físico. É um hábito cultivado desde a mais tenra idade e independe de condição socioeconômica, porque há pessoas ricas que se comprazem na imundície. Destarte, não ter os cuidados básicos com o corpo constitui um suicídio indireto e aqueles que o menosprezam terão que prestar contas à Divindade.

¹⁵ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 2 - Nº 91 - 25 de Janeiro de 2009. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano2/91/marcos_oliveira.html

Mais adiante, ele assevera: "Precatar-se contra tóxicos, narcóticos, alcoólicos, e contra o uso demasiado de drogas que viciem a composição fisiológica natural do organismo".

Todos esses vícios por ele elencados trazem profundas perturbações ao corpo físico e manifestações deletérias no corpo perispiritual. Todos devemos evitá-los. Além do correto equilíbrio na alimentação, no uso das energias sexuais, nas emoções e pensamentos por nós emitidos.

Por fim, ele aconselha: "Sempre que lhe seja possível, respirar o ar livre, tomar banhos de água pura e receber o sol farto, vestindo-se com decência e limpeza, sem, contudo, prender-se à adoração do próprio corpo. Critério e moderação garantem o equilíbrio e o bem-estar. (...) Na Terra, cada Espírito recebe o corpo de que precisa".

Devido às atribulações da vida hodierna muitos de nós não oferecemos os cuidados básicos ao corpo, como os descritos. Escolhemos horários inapropriados para recebermos as energias do Astro-Rei, que ao invés de beneficiar pode trazer doenças sérias para a pele como o câncer; as nossas roupas nos sufocam, prendem a nossa circulação; as nossas águas são mal aproveitadas...

O corpo espiritual, além dos malefícios que nele jogamos devido a nossa imprudência na indumentária física, não recebe as alimentações necessárias para o seu engrandecimento. Temos pouco ou nenhum tempo para o trabalho na caridade cristã, não mantemos pensamentos saudáveis no dia-a-dia, somos tomados por sentimentos menos dignos e damos vazão a eles, não alimentamos a alma com literaturas, filmes e conversas edificantes. E uma plêiade de fatores que colaboram para a desarmonia espiritual.

Buscar o perfeito equilíbrio entre o corpo físico e o espiritual é a tarefa que compete a cada um de nós, porque, por intermédio do primeiro, temos ensejo de realizar atividades positivas no bem no mundo material; por meio do segundo, depuramos aquele e chegamos a planos mais evoluídos da Criação.

Referências:

¹ Disponível em

<http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_frame.asp?cod_noticia=963>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

² Disponível em

<http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_frame.asp?cod_noticia=962>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

³ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vigorexia>>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

Alcoolismo¹⁶

Há uma relação indissociável entre álcool e violência. Os inúmeros acidentes de trânsito, os assassinatos no cadinho do lar, as agressões nos diversos meios sociais etc. advêm do alcoolismo.

Isso ocorre porque "o álcool é um depressor do Sistema Nervoso Central e age diretamente em diversos órgãos, tais como o fígado, o coração, vasos, e na parede do estômago"¹. Além disso, desencadeia reações extremamente negativas no organismo físico e perispiritual.

No corpo físico, o álcool causa a desinibição, por isso, várias pessoas, antes quietas, tornam-se desafiadoras, extrovertidas; causa instabilidade e prejuízo na capacidade de julgamento crítico, afetando a memória, a coordenação motora; inconsciência; prejuízo da respiração e circulação sanguínea; provoca ainda hepatite alcoólica, cirrose hepática, câncer; anormalidades do desenvolvimento fetal, coma e até mesmo a morte².

É imperioso compreendermos que o alcoolismo também é uma forma de suicídio e agravamento do programa espiritual do ser humano que por ele se envereda.

A gênese desse vício devastador é multifatorial. Pode ter início devido à insegurança psicológica do indivíduo, funcionando como uma catarse. Outras vezes tem início com pais irresponsáveis que molham a chupeta de suas crianças em alguma bebida nas confraternizações sociais. Noutras ocasiões, a taça da ilusão é sorvida devido a um amor malogrado, a "perda" de algum ente querido, a decepção financeira e um sem-número de fatores que aturdem a mente enfermiça.

Qualquer que seja o motivo, aquele que faz uso do álcool e nele perdura não logra paz. Essa plantação é extremamente cara para o ser humano e seus familiares e a colheita é a humilhação social ou a situação ridícula por que passa, além das deformidades perispirituais e reencarnações futuras de graves expiações.

Aqueles que se encontram em tais condições lamentáveis podem e devem lutar com todas as suas forças para o equilíbrio psicofísico. Devem procurar o apoio familiar e de grupos especializados, realizar cultos do evangelho no lar, buscar o recurso energético do passe, os trabalhos sociais para a ocupação mental, ouvir palestras evangélicas, participar de grupos de estudos sistematizados da Doutrina Espírita, entre outros. Todas as "armas" devem ser direcionadas para esse monstro do alcoolismo.

Não podemos olvidar também a juventude tão carente do amor e compreensão dos adultos. Os jovens em suas baladas, micaretas, festas universitárias e outras estão expostos à drogadição, ao sexo desregrado, ao alcoolismo... Somente a educação formal e principalmente a **educação moral**, calcada no bojo da família, são capazes de livrá-los de tais vícios.

¹⁶ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 2 - Nº 95 – 22 de Fevereiro de 2009. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano2/95/marcos_santos.html

Não somos contrários às diversões naturais da juventude, mas somos da opinião de que devem ser baseadas na responsabilidade e no amor fraternal, o que não é ensejado pelo álcool e outros, já que causam violência, assassinatos, estupros etc.

O alcoolismo também é uma forma de suicídio e desastres morais, devendo ser combatido por todos nós, espíritas.

Referências:

¹ Disponível em <<http://www.alcoolismo.com.br/artigos/efeitos.htm>>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

² Além de várias outras comorbidades associadas. O termo comorbidade é formado pelo prefixo latino "cum", que significa contiguidade, correlação, companhia, e pela palavra morbidade, originada de "morbus", que designa estado patológico ou doença.

Tabagismo¹⁷

Em reportagem disponível no sítio BOL, encontramos: "Segundo dados do Ministério da Saúde, o número de fumantes adultos caiu pela metade no Brasil nos últimos 20 anos. Ainda assim, o índice atual é considerado alto: 16% dos adultos brasileiros são considerados dependentes do tabaco. Mas a força de vontade dos fumantes, aliada ao tratamento médico adequado que minimiza os efeitos da abstinência, tem melhorado esse quadro"¹.

Nada obstante esses números um pouco positivos da situação brasileira, estima-se, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), que há no mundo em torno de 1 bilhão e 200 milhões de pessoas fumantes, que ocasionam 4,9 milhões de mortes anuais, que, por sua vez, correspondem a 10 mil mortes por dia².

Os efeitos deletérios advindos do tabagismo são os mais devastadores possíveis, tanto na organização física como no delicado tecido perispiritual. E na atualidade do pensamento humano não é mais admissível alegar ignorância, falta de conhecimento. O tabagismo causa, por exemplo, doenças cardiovasculares graves, câncer em todo aparelho respiratório, deformidades nos fetos ou até mesmo o aborto, doença de Buerger (a qual, se não tratada, leva à gangrena), deterioração dos dentes, osteoporose, entre outras. É, indubitavelmente, um suicídio consciente, porque quem fuma sabe dos malefícios de tal comportamento.

Como se não bastassem esses tristes dados, constata-se também um esforço hercúleo das grandes empresas do setor em empanar os estudos científicos que demonstram as graves doenças também para aqueles que fumam passivamente. "Vários milhões de documentos internos de grandes companhias de fumo, que vieram a conhecimento público através de uma ação judicial nos EUA, demonstram que, há anos, a indústria do tabaco desenvolve estratégias para contrapor-se a estudos que evidenciam os graves riscos do tabagismo passivo"³.

É imperioso termos em mente também que o tabagismo passivo mata! E as doenças são tão devastadoras quanto naqueles que fumam diretamente.

Os spiritistas conhecedores das leis divinas e, particularmente, da reencarnação não podem alegar ignorância da dicotomia saúde-doença, uma vez que cada um de nós estabelece a nossa condição de saúde ou doença através de pensamentos, palavras e ações. Deste modo, enveredar-se pelos escabrosos caminhos do tabagismo é um suicídio com graves consequências no mundo espiritual e em reencarnações futuras. Porque é um desrespeito à indumentária carnal temporariamente emprestada pelo Sempiterno.

Nós, os espíritas, temos que envidar esforços para não cairmos nas terríveis malhas do tabagismo, seja qual for o motivo. E, outrossim, educar os jovens, eivados de conflitos psíquicos de uma sociedade hedonista, materialista e enfermeira, para que

¹⁷ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Ano 2 - Nº 97 - 8 de Março de 2009. Disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano2/97/marcos_santos.html

nunca experimentem quaisquer tipos de tabacos e drogas. Para tal desiderato, a mocidade espírita e a família desempenham papéis importantíssimos.

Referências:

¹ Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ciencia/2009/01/02/ult958u32.jhtm>>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

² Disponível em:
<<http://www.inca.gov.br/tabagismo/frameset.asp?item=dadosnum&link=mundo.htm>>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

³ Disponível em:
<<http://www.inca.gov.br/tabagismo/frameset.asp?item=atualidades&link=ver.asp?id=950>>. Acesso em 3 de janeiro de 2009.

Posturas Espíritas¹⁸

Em razão da nossa educação basal, em razão do nosso nivelamento intelectual, das nossas crenças, nossas inclinações e outros tantos fatores que influenciam o nosso comportamento de ver e entender a doutrina espírita, nós adotamos determinadas posturas que não se coadunam com os ensinamentos kardecianos. Práticas estranhas adentram o Espiritismo e mister se torna que as evitemos.

De maneira geral, observamos em nosso movimento:

Espíritas Contemplativos:

São especiosos. Acham a doutrina uma maravilha! Fazem alarde do Espiritismo. Enchem-no de encômios, de adjetivos. Acrescentam informações inverídicas, porque o desconhecem. Eles têm uma inclinação para o fanatismo, porque não estudam o Espiritismo profundamente, apenas o contemplam. Fazem leituras superficiais e fantasiam coisas.

Espíritas Fenomenistas:

Estão sempre atrás de um fenômeno. Percorrem léguas e léguas atrás de médiuns de efeitos físicos. Mas são incapazes de permanecerem sentados alguns minutos para uma conferência espírita. Não têm embasamento doutrinário e por isso necessitam dos fenômenos para sentirem-se "motivados". E quando o médium, por qualquer motivo, deixa o centro espírita a que está vinculado essas pessoas também o deixam. Mas, quando o médium retorna, lá estão essas pessoas nas primeiras fileiras. Choram, emocionam-se, mas não se dispõem a modificar o *modus vivendi* nem o *modus operandi*.

Esquecem-se que os fenômenos existem desde que o mundo é mundo. Moisés era capaz de realizar fenômenos incríveis, Jesus da mesma forma, Chico Xavier, José Arigó, Eusábia Paladino e tantos outros notáveis que vieram para alavancar o mundo. Mas os fenômenos passaram, seus exemplos e valores morais permaneceram.

Mas os fenomenistas não querem modificar-se. São alimentados tão somente pelos fenômenos. E por isso mesmo são vazios.

Espíritas Racionalistas:

São os espíritas que imaginam que a doutrina espírita é apenas um código de lógica e que por isso mesmo não pode ser outra coisa senão razão. Não se dão conta das dimensões sentimento, prática. Para eles não há lugar para o amor, para a fraternidade. Vão se tornando donos da verdade. Somente eles entendem Kardec,

¹⁸ Artigo publicado, originalmente, no site *O Mensageiro*. Disponível em <http://www.omensageiro.com.br/artigos/artigo-213.htm>

somente eles conseguem interpretar os livros da Codificação. Nos estudos sistematizados da doutrina espírita (ESDE) somente eles estão certos com suas visões e interpretações. Fazem-se pontífices! Criam suas próprias estruturas. Fundam os seus centros. E nada de sentimento, afinal de contas o espiritismo é razão. Esquecem-se da sua tríplice função (filosofia, religião, ciência). Esquecem-se que ao lado da razão é imprescindível o coração (o sentimento).

Espíritas Devocionistas:

São aqueles que trazem das crenças anteriores toda uma bagagem e querem injetá-la na doutrina espírita. Trazem a voz melosa, ritos estranhos... Têm uma capacidade enorme de imaginarem que os médiuns são semideuses. Santificam os médiuns. E se esses faltam às tarefas do centro, sentem-se sozinhos, desmotivados, incapazes, porque a "atividade só tem fundamento se fulano ou beltrano estiver aqui". Reverenciam determinados médiuns, esquecidos de que todas as bajulações só tendem a comprometer o trabalho do medianeiro.

Assevera André Luiz que devemos nos "precaver contra as petições inadequadas junto à mediunidade (...), por nenhuma razão elogiar o medianeiro pelos resultados obtidos através dele, lembrando-se que é sempre possível agradecer sem lisonjear." (Conduta Espírita)

Esses espíritas devocionistas penduram imagens de espíritos notáveis no centro e mantêm as antigas práticas. Bezerra de Menezes, Scheilla, Barsanulfo e tantos outros e, ao pé da imagem, deixam uma flor num pequeno jarro. Que diferença há entre esse comportamento e os de irmãos de outras religiões que cultuam suas imagens?

Ainda André Luiz adverte: "Desaprovar a conservação de retratos, quadros, legendas ou quaisquer objetos que possam ser tidos na conta de apetrechos para ritual, tão usados em diversos meios religiosos".

Resguardar o Espiritismo dessas práticas (e tantas outras) é dever de todos nós. Não condizem com as posturas espíritas exaradas pelo ínclito Codificador.

O Consolador bate a porta da nossa razão e do nosso coração e todas essas práticas estranhas ao Ensino Redivivo devem ser evitadas.

Mais uma vez o nobre espírito André Luiz diz-nos: "A pureza da prática da Doutrina Espírita deve ser preservada a todo o custo".

A Arte de Bem Falar¹⁹

“Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”.

A arte de bem falar constitui uma tarefa difícil no mundo contemporâneo. Isto porque não aprendemos a aparar as nossas arestas e ter atitudes positivas ante as adversidades. Ou revidamos de forma áspera, adentrando em verdadeiras pancadarias verbais; ou silenciemos, sem olvidarmos a ofensa proferida pelo irmão exasperado e, conseqüentemente, carregamos lixo no coração.

As hecatombes sociais originam-se muitas vezes da palavra mal empregada, fruto de interesses menos nobres.

“Poucas vezes a língua do homem há consolado e edificado os seus irmãos; reconheçamos, porém, que a sua disposição é sempre ativa para excitar, disputar, deprimir, enxovalhar, acusar e ferir desapiedadamente.” (Emmanuel - Pão Nosso)

A queda de muitas instituições espíritas tem origem no verbo mal utilizado, nas cizânias, nas maledicências, nos jogos de interesses por funções dentro do Centro Espírita, entre outras. Por causa da língua mal empregada pelo ser humano todo um trabalho planejado carinhosamente pelos espíritos nobres cai por terra. É por isso que Cornélio, mentor espiritual de André Luiz no livro *Obreiros da Vida Eterna*, esclarece:

É lamentável se dê tão escassa atenção na Crosta da Terra, ao poder do verbo, atualmente tão desmoralizado entre os homens. Nas mais respeitáveis instituições do mundo carnal, segundo informes fidedignos das autoridades que nos regem, a metade do tempo é despendida inutilmente, através de conversações ociosas e inoportunas. Isso, referindo-nos somente às `mais respeitáveis'. Não se precatam nossos irmãos em Humanidade de que o verbo está criando imagens vivas, que se desenvolvem no terreno mental a que são projetadas, produzindo conseqüências boas ou más, segundo a sua origem. Essas formas naturalmente vivem e proliferam e, considerando-se a inferioridade dos desejos e aspirações das criaturas humanas, semelhantes criações temporárias não se destinam senão a serviços destruidores, através de atritos formidáveis, se bem que invisíveis. (...) Toda conversação prepara acontecimentos de conformidade com a sua natureza.

Nada sobrevive às verbalizações fúteis: Centros espíritas, obras sociais, governos, até mesmo o cadinho doméstico, a célula básica do tecido social. Não era por outra razão que Jesus, o sublime amigo, alertava-nos sobre o uso do verbo. Disse Ele: “Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenado no juízo; que aquele que disser a seu irmão: Raca, merecerá condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: És louco, merecerá condenado ao fogo do inferno.” (S. Mateus, VV. 21 e 22)

Segundo a lúcida interpretação de Evangelho Segundo o Espiritismo:

¹⁹ Artigo publicado, originalmente, no site *O Mensageiro*. Disponível em <http://www.omensageiro.com.br/artigos/artigo-211.htm>

“Raca, entre os hebreus, era um termo desdenhoso que significava - homem que não vale nada, e se pronunciava cuspidando e virando para o lado a cabeça. Vai mesmo mais longe, pois que ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: És louco.

Evidente se torna que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção agrava ou atenua a falta; mas, em que pode uma simples palavra revestir-se de tanta gravidade que mereça tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei do amor e da caridade que deve presidir às relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que constitui um golpe desferido na benevolência recíproca e na fraternidade; é que entretém o ódio e a animosidade; é, enfim, que, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a lei primeira de todo cristão”.

Deste modo, é imprescindível que tenhamos ponderação nas nossas expressões verbais. Porque toda palavra que proferimos é a priori mentalizada, construída pelo seu autor e, quando lançada, vai carregada de um teor vibratório peculiar. Se positiva, a palavra é capaz de acalmar, reerguer, animar, encorajar, construir... Mas, se negativa, carrega também em seu bojo os fluidos deletérios.

Falar é uma arte. Uma arte que exige muito de todos nós. Uma arte que tem por fim único: o amor.

Em torno da Obsessão²⁰

*"Cada célula é um pequeno ser sensitivo." - Deepak Chopra.
"Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo." - Jesus.*

Uma psicofera pestífera grassa em torno do orbe terreno, contaminando sobejamente os incautos das leis divinas, nada obstante os esforços hercúleos dos benfeitores da Humanidade em favor do progresso ético-moral e científico-tecnológico.

A conduta reprochável do ser humano ao largo da história o conduz a um labirinto de lágrimas e sofrimentos. A violência, a sexolatria, a drogadição, a corrupção, o hedonismo... um séquito de hediondos facínoras morais retêm o espírito imortal no mundo sombrio. E como consequências surgem os graves problemas obsessivos.

Configura-se a obsessão nas lúcidas palavras de Suely Caldas Schubert "toda vez que alguém, encarnado ou desencarnado, exercer sobre outrem constrição mental negativa - por um motivo qualquer - através de simples sugestão, indução ou coação, com o objetivo de domínio - processo esse que se repete continuamente, na Terra ou no Plano Espiritual inferior."

Ainda sob a égide dessa magnífica autora, elenca-se a obsessão da seguinte maneira:

1. Encarnado para encarnado

É comum esse tipo de obsessão, haja vista a instabilidade emocional e psicológica dos seres humanos.

Normalmente, constitui uma obsessão sub-reptícia e a pessoa que sofre a ação sente-se muitas vezes protegida. Mas não percebe que "esse amor se torna tiranizante, demasiadamente possessivo, tolhendo e sufocando a liberdade do outro". Ocorre sobejamente no cadinho doméstico na figura do marido que vive cerceando a esposa; ou esta que impõe seus caprichos ao companheiro; os pais, inseguros, que governam os filhos e impedem-lhes quaisquer iniciativas; é o amigo que pela sua força mental, seu poder de persuasão consegue dominar a vontade do outro.

2. Desencarnado para desencarnado

Ao adentrarmos a vida nova, após o desencarne, levaremos conosco todas as nossas idiosincrasias. Se positivas, essas virtudes concorrerão em nosso favor ensejando-nos companhias agradáveis de espíritos nobres. Mas, se negativas, teremos dificuldades em alçar voos mais altos e atrairemos para junto de nós os espíritos que se coadunam com os nossos vícios, com as nossas fixações mentais negativas. "Os

²⁰ Artigo publicado, originalmente, no site *O Consolador*. Disponível <http://www.omensagemiro.com.br/artigos/artigo-209.htm>

homens são os mesmos: carregam os seus vícios e paixões, as suas conquistas e experiências onde quer que estejam”.

Devido aos nossos desajustes morais e psíquicos e, se descuidarmos da reforma íntima e da prece como um recurso de proteção e paz, podemos sofrer no além-túmulo o jugo dos obsessores que só podem nos atingir devido aos nossos desajustes, notadamente devido a fraqueza mental.

Esses asseclas do mal são capazes de criar regiões astrais de baixíssimo padrão vibratório para as suas vinganças e perseguições cruéis a outros espíritos desavisados ou a encarnados que se mergulham em vícios materiais e morais.

3. De encarnado para desencarnado

Trata-se de um tipo muito comum de obsessão, mormente devido ao despreparo de muitos de nós diante do desencarne. Quando um ente querido adentra o mundo dos espíritos, nós que ainda estamos na matéria densa nos revoltamos contra o Criador, somos tomados por sentimentos de dor, remorso entre outros. E essas matérias mentais negativas acabam por atormentar aqueles que já partiram. Muitas vezes eles entram em desequilíbrio devido ao nosso “amor” egoísta e possessivo. Ficamos inconformados e desesperados.

Toda essa onda mental atinge aqueles que partiram antes de nós e muitas vezes eles sentem-se também desesperados por se verem incapazes de dizer que a vida continua, que estão bem e que torcem para a nossa vitória moral.

Suely Caldas Schubert destaca também que a insatisfação dos herdeiros com a partilha dos bens determinada pelo morto faz com que o rancor, a raiva, a revolta e vários outros sentimentos negativos atinjam-no. E ele nada pode fazer a não ser lamentar as lutas ferozes por mais bens materiais daqueles que ficaram na matéria.

4. De desencarnado para encarnado

Muitos espíritos que desconhecem sua situação de desencarnados acabam, sem o quererem, por influenciar os que estão encarnados. Mas há a situação de perseguição e de vingança conscientes. Os desencarnados têm vantagem por não serem vistos facilmente, não estarem na matéria e, outrossim, saberem das nossas imperfeições morais que muitas vezes ocultamos para os encarnados, mas que são impossíveis de serem ocultadas para a multidão de espíritos que nos cercam. É por esta razão que eles sabem as nossas fraquezas morais e agem sobre elas, para verem a nossa queda.

É o álcool, a droga, o sexo, algumas doenças psíquicas, a indução ao suicídio e tantas outras atuações que muitas vezes não percebemos e julgamos serem os nossos pensamentos.

5. Obsessão recíproca

“Essa característica de reciprocidade transforma-se em verdadeira simbiose, quando dois seres passam a viver em regime de comunhão de pensamentos e vibrações. Isto ocorre até mesmo entre os encarnados que se unem através do amor desequilibrado, mantendo um relacionamento enervante.”

Trata-se de uma simbiose. Obsessor-vítima estão jungidos. Necessitam-se, porque criaram liames desarmônicos. O conúbio infeliz oriundo da força mental negativa ou de comportamentos infelizes prossegue não somente no campo físico. Mas, também, no momento do sono físico, quando o espírito liberto da matéria densa continua a agir do mesmo modo.

6. A auto-obsessão

É um tipo de obsessão muito comum na sociedade hodierna. São pessoas que criam doenças fantasmas. Cuidam excessivamente do corpo, vivem para o culto da forma, enveredam-se pelo mundo da vigorexia, anorexia, bulimia, utilizam substâncias anabólicas entre outros meios. Ou ainda, descuidam do veículo carnal, afirmam que o importante é o espírito e que, por isso mesmo, devem imolar o corpo. Criam doenças fantasmas que nenhum esculápio consegue solucionar. "Sofrem por antecipação situações que jamais chegarão a se realizar, flagelando-se com o ciúme, a inveja, o egoísmo, o orgulho, o despotismo e transformam-se em (...) vítimas de si próprios."

Como tratar a obsessão?

- Aprender a orar: formular preces com sentimento, com fé! Realizar, ao menos uma vez por semana, o culto do evangelho no lar.

- Reforma interior: criar meios de sair dos vícios, esforçar-se, trabalhar em prol de si mesmo e do semelhante com a certeza de dias melhores. A reforma moral é uma tarefa não só da pessoa que passa por um processo obsessivo, mas para todos nós, espíritas ou não. A caridade é a melhor terapia. E devemos envidar todos os esforços para nos melhorarmos e seguirmos as pegadas do mestre de Nazaré.

- A força de vontade e a ação mental: alargam-se os estudos no campo da neurociência sobre o poder mental, particularmente a vontade interior do ser humano. A vontade de melhorar-se, que é filha da mente disciplinada no bem, faz com que o indivíduo mobilize as células espirituais e materiais para melhor e crie recursos que (conforme a vontade de Deus) farão com que a cura se estabeleça ou não. Não era sem sentido que Jesus sabiamente asseverava: "Tua fé o curou!".

"Pelo pensamento desceremos aos abismos ou chegaremos às estrelas. Pelo pensamento nós nos tornamos escravos ou nos libertamos."

- Esclarecimento do obsidiado: o obsidiado de hoje é o algoz do passado. Deste modo, ele necessita entender que a sua situação é um reflexo de um passado e também de suas atitudes do presente. Deste modo, torna-se imprescindível alertá-lo sobre a sua participação no processo de libertação. Ele será o protagonista desse processo. Oferecer-lhe esperança de dias melhores, apresenta-lhe uma proposta de alegria de viver e, paulatinamente, mostrar-lhe que por meio da reforma interior, pela mudança comportamental, ele logrará êxito.

- A fluidoterapia: realizada nas casas espíritas, a fluidoterapia é uma ferramenta importantíssima nesse processo. Como o próprio nome indica é a terapia por meio do fluido. E o maior e mais relevante fluido de qualquer ser humano é o amor. O médium passista no momento em que realiza o passe está com o amparo e a proteção dos mentores espirituais, para a eficaz doação do amor. E "o amor cobre a multidão de pecados", o amor transforma para o bem, o amor enseja a paz.

- A família: faz-se mister a participação familiar no processo de reequilíbrio do indivíduo que sofre obsessão. Devem-se eliminar as brigas, desavenças no lar; realizar o culto do evangelho no lar; participar de atividades assistenciais; buscar a reforma interior; criar hábitos edificantes, salutareis.

Para saber mais:

- Leia as obras de Manoel Philomeno de Miranda (espírito), psicografadas pelo médium Divaldo Pereira Franco. Tratam-se de obras notáveis e que muito nos esclarecem acerca da obsessão.

- O livro *Obsessão/Desobsessão - Profilaxia e Terapêutica Espíritas*, de Suely Caldas Schubert, também apresenta-nos importantes conhecimentos acerca da temática.

- Toda a série *Nosso Lar*, do espírito André Luiz é de conteúdo ímpar. Notadamente a obra *Libertação* trata de maneira interessante sobre os processos obsessivos.

- A obra notável *A obsessão: instalação e cura*. Organizada por Adilton Pugliese, baseada nas obras de Manoel Philomeno de Miranda.

Fim